

The background is a light beige color with a subtle, cracked texture. In the top left corner, there is a stylized branch with brown leaves. In the bottom right corner, there is a stylized tree with brown leaves. The bottom half of the image features a large, dark blue, wavy shape that resembles a hill or a river. A black silhouette of a child is sitting on the crest of this shape, reading a book. The text is centered in the upper half of the image.

prêmio

RIO DE LETRAS

Textos premiados

**"Contos, Crônicas e Poesias de autoria dos Alunos das Escolas
Firjan SESI e da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro"**

PRÊMIO **rio** de
letras
Firjan SESI

Tema 2025:
A Humanidade e a Natureza



Rio de Janeiro, 2025

S454p

Prêmio Rio de Letras: a humanidade e a natureza / organização Serviço Social da Indústria – SESI RJ; Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC RJ e Academia Brasileira de Letras – ABL; 2.ed - Rio de Janeiro: [s.n], 2025.

264p. Il.

Textos de autoria dos alunos das escolas Firjan SESI e da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro avaliados pela Academia Brasileira de Letras - ABL

1. Contos 2. Poesias 3. Crônicas I. Concurso Literário. II. Premiação III.Título.

CDD 869.8992



FIRJAN SESI

Presidente

Luiz César Caetano

Diretor de Educação e Cultura

Vinicius Carvalho Cardoso

Consultora de Educação e Cultura

Andréa Marinho

Gerente de Educação Básica

Vinicius do Nascimento Silva Mano

Coordenador DICEB

Fábio Rodrigues da Silva

Coordenadora DIPEB

Ana Cláudia Medeiros

Analistas de Linguagens

Sarah de Araujo Alves

Robson Di Brito

Gerência de Cultura e Arte

Antenor José de Oliveira Neto

Consultora de Cultura e Arte

Olga Ofélia Acosta Darias



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Presidente

Merval Pereira

Secretário-geral

Antonio Carlos Secchin

Curadoria

Seleção de contos:

Antonio Torres

Rosiska Darcy de Oliveira

João Almino

Seleção de poesia:

Domicio Proença Filho

Antonio Carlos Secchin

Carlos Neja

Seleção de crônicas:

Ricardo Cavaliere

Ruy Castro

Godofredo de Oliveira Neto



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Governador
Claudio Castro

Secretária de Estado de Educação
Roberta Barreto de Oliveira

Subsecretário Executivo
Windson Maciel

Subsecretária de Planejamento e Ações Estratégicas
Myrian Medeiros da Silva

Subsecretária de Gestão de Ensino
Joilza Rangel

Subsecretário Administrativo
David Marinho

Chefe de Gabinete
Alvim Bellis

Sumário

Prefácio 19

Introdução 23

CONTOS

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

O bosque da ilusão . *Leonardo Lima de Bem* 31

A última semente . *Raíssa Freiman dos Reis* 35

Águas que fluem . *Rayane da Costa Francisco* 39

2ª série de Ensino Médio

Tukano da terra-floresta . *Miguel Evangelista dos Santos* 43

Menina Sem Cor . *Carla Vitória Carvalho* 47

Raízes de nós . *Sofia Cordeiro da Silva* 51

3ª série de Ensino Médio

Verde . *Lara Fidalga Britto Rocha* 55

Se ainda houver norte . *Yasmim da Silva Guedes de Melo* 59

A árvore da vida . *Samuel B. de Souza Marques* 63

Silêncio . *Emily de Amaral Pereira* 67

SEEDUC

1ª série de Ensino Médio

Quando a floresta tossiu . *Felipe Vieira* 71

Febre da Terra, fardo dos pobres . *Olivia Oliva Martinez* 73

A vingança da natureza . *Pedro Henrique Galdino de Andrade* 77

O último Ipê . *Wilson Vianna dos Santos* 81

2ª série de Ensino Médio

O verão não é mais o mesmo . *João Lucas Maura Batista* 85

O último jardim . *Winglevy Vitória Guilherme dos Santos* 89

O grande carvalho . *Lorayne Ketelheen Carvalho Vieira* 93

3ª série de Ensino Médio

Um pacto esquecido . *Jeferson Alves Soares* 97

A busca por um lar . *Luiza Cesário Teixeira* 101

Repensando suas atitudes . *Rayra Souza Mourão* 105

CRÔNICAS

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Último abril . *Eloá Rodrigues de Carvalho* 111

O aroma de Gérberas . *Samuel França Dantas Viana* 115

Parte dele era a finitude . *Luiza Sardou Simas* 119

2ª série de Ensino Médio

A última mangueira da Rua 12 . *Alyce Silva Bardela* 123

Alma clemente . *Letícia Vasques Peixoto de Lima* 125

Falta ar . *Gabriele de Azevedo Freitas* 129

3ª série de Ensino Médio

Meu dilema (a)moral - *Nayobe Grazielly Machado Domingos* 133

Antiga paisagem - *Amanda Oliveira Pimentel* 137

Manual prático de como dominar a natureza (e ser dominado por ela depois) . *Julia Oliveira de Carvalho Ferreira* 139

SEEDUC

1ª série de Ensino Médio

Sobreviventes . *Filipe Vargas da Silva* 143

Em comunhão com o mar . *Kassiele Sofia Motta Fonseca* 147

O eco da nossa indiferença . *Eduarda Sophia Farias Silva* 151

2ª série de Ensino Médio

Antes que seja tarde . *Rihanna de Sena Godinho Gomes* 155

Cegos de tecnologia, surdos ao Mundo . *Tiago Werdan Curty Estephaneli* 159

O Grito da Natureza . *Lorrayne de Oliveira Leal* 163

3ª série de Ensino Médio

A graça das capitais . *Fellipe de Brito Carvalho Spinola* 167

Tudo . *Rafael de Araujo Mendes* 171

Geração Reborn . *Leonardo Cardoso Calzolari* 175

O abraço da mangueira . *Talita Dias de Lima Maciel* 179

POESIAS

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Terra à Beira (por uma voz em alerta) . *Anna Julia Paredes Corrêa Vassal* 187

Elegia verde: à sombra da palavra e da árvore . *Gabriela Melyssa Santos Freire Pontes* 191

Mãe natureza . *Laura Telles da Cunha Tomaz Bernardo* 195

2ª série de Ensino Médio

O reinado da morte . *Júlia Lamblet da Silva* 199

A desobediência custa caro . *Ana Clara Saldanha* 203

Então é hoje . *Gabriel Ambrosio de Freitas* 207

3ª série de Ensino Médio

Barro e Esquecimento . *Juan Gabriel Gonçalves da Silva* 211

Cor de Terra, Cor de Dor . *Beatriz de Oliveira da Silva* 215

A terra que chora . *João Gabriel de Freitas Barbosa Chagas* 219

SEEDUC

1ª série de Ensino Médio

o clima clama . *Jullia Jamilly Rodrigues Soares* 223

O mundo é só um corpo . *Maria Eduarda Reis de Faria e Souza* 225

Vocês que se chamam humanos . *Ana Luiza Algaba Zdradek* 229

2ª série de Ensino Médio

No princípio, era o verde . *Aryel Cristine de Oliveira* 233

Quando a terra silencia . *Laís Pimentel Siqueira* 237

Choro da Natureza . *Julie Aguiar Andersen* 241

3ª série de Ensino Médio

O sussurro que ninguém ouve . *Jenifer Rodrigues dos Santos* 245

Ecos da harmonia Perdida . *Daniel Hoelse* 249

O elo e a árvore . *Maria Eduarda Pereira de Souza* 251

Hackathon 254

Prefácio

Pensar o mundo

Às vésperas da realização no Brasil da COP 30, que reunirá as maiores autoridades governamentais, representantes da sociedade civil de centenas de países, além de empresários e investidores do mundo todo em Belém, a temporada 2025 do Prêmio Rio de Letras da Firjan, em parceria com a Academia Brasileira de Letras (ABL) escolheu o tema “A Humanidade e a Natureza” para incentivar leituras, reflexões e escritas que levem à conscientização e à ação em favor do meio ambiente e do combate às mudanças climáticas.

O objetivo desse prêmio sempre foi o de incentivar a leitura entre os jovens, e fazê-los pensar sobre os grandes problemas da humanidade em que estão inseridos. A crise climática representa uma das maiores ameaças à humanidade, impactando diretamente o funcionamento da sociedade. Já há um consenso científico internacional de que as alterações no clima, provocadas pela ação do homem, resultam em consequências severas, como o aumento das temperaturas e o derretimento das geleiras.

Num mundo desigual como o que temos hoje, a busca pelo que podemos chamar de “justiça climática” é um tema fundamental, pois as mudanças no clima afetam desproporcionalmente as populações mais pobres e vulneráveis, que frequentemente carecem de recursos para enfrentar os impactos, como enchentes, secas e desastres naturais.

Um exemplo disso são os pequenos países baseados em ilhas que deverão desaparecer em virtude da mudança climática, que faz subir as marés, e sofrem as consequências naturais de furacões e até mesmo tsunamis. Paradoxalmente, essas pequenas comunidades, embora menos responsáveis pela degradação ambiental, são grandemente prejudicadas por seus efeitos. A ação humanitária dos organismos multilaterais, dando prioridade a essas pequenas comunidades, mostra que somente com a união internacional se poderá superar essa crise que ajudamos a criar.

Da mesma maneira, países emergentes como o Brasil também sofrem consequências que não são proporcionais aos gastos que têm que assumir, e às culpas de suas ações econômicas de exploração da natureza. Mesmo assim, todos têm que se unir em torno das soluções ainda possíveis. As florestas que estão nos países menos desenvolvidos como o nosso são responsáveis pela captura de carbono, e por isso o Brasil e outros países que ainda preservam suas florestas têm obrigação de reduzir o desmatamento, as queimadas e aumentar o reflorestamento.

O tema deste ano, portanto, tem o objetivo de fazer com que os inscritos nas várias categorias se dediquem a pensar nesse imenso problema ambiental e as soluções possíveis, desejando que, ao pesquisar e se interessar pelo assunto, encontrem meios de, como cidadãos conscientes, colaborar com as soluções, individual ou coletivamente.

Merval Pereira

Presidente da Academia Brasileira de Letras

Introdução



Seja bem-vindo a esta travessia literária — um rio de palavras que desliza como as veias da Terra, entrelaçando o espírito humano à alma da natureza, e convidando à contemplação, ao devaneio e ao reencontro com tudo o que vive e pulsa ao nosso redor.

Nesta jornada, celebramos a escrita por meio de contos, crônicas e poesias criadas por estudantes do Ensino Médio das Escolas Firjan Sesi e de Escolas Estaduais do Rio de Janeiro. Os autores e autoras selecionados para o Prêmio Rio de Letras apresentam um mosaico de narrativas que revelam a diversidade que nos conecta enquanto seres humanos e habitantes de um planeta vivo.

Cada texto aqui ecoa experiências — reais ou inventadas — que refletem os dilemas, os sonhos e os desafios do nosso tempo, incluindo a relação entre a humanidade e a natureza. São vozes jovens que transformaram questões contemporâneas em literatura, revelando sensibilidade, criatividade e consciência social e ambiental.

O Prêmio Rio de Letras nasce do desejo de incentivar a leitura, pois antes de escrever, é preciso ler. A leitura é uma ferramenta poderosa: desenvolve o vocabulário, aprimora a compreensão textual e forma cidadãos críticos, capazes de interpretar o mundo, tomar decisões conscientes e compreender seu papel na preservação da vida em todas as suas formas. Em tempos de desinformação e excesso de informações, ler é um ato de resistência, de fortalecimento da democracia e de cuidado com o planeta.

Ao ler, ampliamos nosso olhar sobre o mundo, conhecemos outras culturas, perspectivas, modos de vida e, também aprendemos a valorizar a biodiversidade e os ciclos naturais. A leitura constrói pontes entre diferentes realidades e promove a inclusão social e ecológica — algo essencial em uma sociedade cada vez mais interconectada e impactada pelas mudanças ambientais.

Após o lançamento do edital, os participantes foram presenteados com aulas inspiradoras da Academia Brasileira de Letras, ministradas por grandes nomes da literatura nacional: Ana Maria Machado, Ruy Castro e Antonio Carlos Secchin. Disponíveis no YouTube, essas aulas ofereceram fundamentos sobre conto, crônica e poesia, além de ferramentas para explorar o tema central do concurso: A Humanidade e a Natureza.

A crise climática é uma das maiores ameaças à sociedade atual, resultando de atividades humanas como o desmatamento, a queima de combustíveis fósseis e a emissão de gases poluentes. Esses fatores intensificam o efeito estufa, elevando as temperaturas globais e provocando fenômenos como o derretimento das geleiras e eventos climáticos extremos. Esses e outros temas compõem aulas didáticas e participação especial do acadêmico Ailton Krenak em um dos vídeos para auxiliar os candidatos.

Esses mestres da escrita incentivaram os jovens a romper com o lu-

gar-comum e criar textos originais, que expressassem a riqueza e a complexidade da nossa sociedade e do nosso planeta. Ao abordar a diversidade, os participantes desenvolveram habilidades como pesquisa, análise e argumentação — competências essenciais para a construção de uma sociedade democrática e ambientalmente consciente.

Mais do que um concurso, o Prêmio Rio de Letras é um marco na trajetória literária desses jovens, que agora seguem inspirados a continuar desenvolvendo seus talentos e a transformar o mundo — humano e natural — com suas palavras.

Firjan: SESI

Imagem de autoria de Yarlei Eduardo, Guilherme de Goys, Maria Eduarda Rocha e Diana de Assis. Ela foi originalmente produzida no âmbito do concurso interno promovido pelo curso de Design Gráfico do SENAI do Rio de Janeiro para o Prêmio Rio de Letras 2025.



Uma das maiores e mais necessárias vozes do Brasil. Líder indígena, ambientalista e pensador brilhante, Krenak emerge da tradição de seu povo para oferecer uma crítica poderosa ao que chama de “sono da civilização”. Sua vida e sua obra são um convite urgente para reconectarmos com a Terra e imaginarmos um novo futuro.

@_ailtonkrenak

Valorizar **novos talentos** é
manter a **literatura viva**



Contos



PRÊMIO rio de letras Firjan SESI

Textos Premiados

Contos, Crônicas e Poesias de autoria dos
Alunos das Escolas Firjan SESI e da Rede
Estadual de Ensino do Rio de Janeiro

Este livro contém os textos vencedores da temporada 2025 do Prêmio Rio de Letras, com Contos, Crônicas e Poesias produzidos por alunos das Escolas Firjan SESI e das Escolas Estaduais do Rio de Janeiro, selecionados por membros da Academia Brasileira de Letras, sobre a temática "A Humanidade e a Natureza". Com esta iniciativa, a Firjan SESI incentiva a leitura, a reflexão crítica sobre a realidade e a escrita, contribuindo para a formação de milhares de jovens estudantes.



conto é um tipo de texto literário curto, mas muito poderoso. Mesmo com poucas páginas, ele consegue transmitir ideias profundas, provocar emoções e fazer o leitor refletir.

Desde os tempos antigos, as pessoas usam histórias curtas para entender o mundo, ensinar valores e guardar lembranças.

Por ser breve, o conto exige que o autor seja direto e profundo, e que o leitor esteja atento e sensível. O escritor Julio Cortázar fez uma comparação interessante: ele disse que “o conto ganha por nocaute, enquanto o romance vence por pontos”. Ou seja, o conto tem que causar um impacto rápido e forte, como um golpe certeiro.

Na escola, o conto é uma ferramenta muito útil para ajudar os alunos a desenvolverem a leitura, a escrita e a interpretação. Ele também estimula a criatividade e o pensamento crítico. Quando o professor trabalha com contos em sala de aula, os estudantes têm a chance de conhecer diferentes culturas, modos de pensar e formas de ver o mundo.

A pesquisadora Marisa Lajolo reforça a importância da escola nesse processo. Ela diz que “a escola é fundamental para aproximar dos livros a criança e o jovem. É na escola que os alunos precisam viver as experiências necessárias”. Isso mostra como o contato com a literatura pode transformar a forma como os alunos pensam e sentem. O conto não é só uma forma de arte: ele também ajuda a formar a identidade de cada pessoa. Ao ler e escrever contos, o estudante aprende a imaginar, a se colocar no lugar do outro e a pensar sobre sua própria vida. O conto, portanto, é uma maneira de entender melhor o mundo e a si mesmo.

Dessa forma, o conto se configura não apenas como uma manifestação estética pertencente ao universo literário, mas como uma linguagem da subjetividade humana, ao aprimoramento das competências comunicativas e à salvaguarda dos patrimônios culturais. A acadêmica Ana Maria Machado, membro da Academia Brasileira de Letras, ministrou uma exposição densa e instigante, na qual explorou com profundidade os contornos e singularidades do conto, evidenciando os elementos que conferem a esse gênero narrativo uma capacidade ímpar de fascinar e envolver seus leitores.

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Leonardo Lima de Bem**

Professora orientadora: **Rafaela Branco Rabello**

Escola Firjan SESI Petrópolis



O bosque da ilusão

Ano de 1950

Na pequena e esquecida cidade de Tupirama, onde o tempo parecia dormir e o sussurro do vento era mais antigo que as ruas de pedra, vivia um homem chamado Serano. Silencioso, de olhar profundo, era conhecido por sua ligação com a natureza. Todos os dias caminhava pelos bosques, como se procurasse algo ou alguém. Sua alma, embora serena, carregava a sombra de uma dor antiga: a morte prematura de sua amada, Hela.

Em uma manhã enevoadada, enquanto caminhava por uma trilha que achava conhecer de cor, Serano viu algo inusitado: uma árvore solitária, diferente de todas as outras. De longe, seus galhos pareciam reluzir à luz do sol, com folhas que brilhavam como ouro. Mas, ao se aproximar, viu a verdade: a árvore estava seca, seus galhos estalavam ao toque do vento, e as raízes pareciam fossilizadas no solo duro.

Confuso, sussurrou para si:

— Como algo pode parecer tão vivo... e estar tão morto?

Uma voz suave respondeu, como que soprada pela brisa:

— Porque ela está entre o passado e o futuro.

Assustado, Serano virou-se e viu uma mulher de cabelos prateados e olhos calmos — como os de quem conhece os segredos do mundo.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Me chamo Herba — disse ela, sorrindo.

— Eu sou Serano... Mas o que quis dizer com aquilo? Como uma árvore pode estar entre o passado e o futuro?

Herba se aproximou da árvore e a tocou.

— Esta árvore não é comum. Ela carrega memórias, sentimentos... E, às vezes, pode tocar o tempo. Pode curar feridas do passado se você acreditar de verdade.

Serano sentiu o coração acelerar. Pela primeira vez em anos, uma esperança floresceu dentro dele.

— Ela pode... trazer alguém de volta?

Herba fitou seus olhos com doçura, mas também com pesar.

— Pode. Mas o tempo, Serano, não dá presentes sem pedir algo em troca. Mudanças virão.

Ele não hesitou.

— Eu aceito.

Com mãos trêmulas, Serano tocou o tronco seco da árvore. Fechou os olhos e com toda a sua fé — aquela que nunca perdera, mesmo na dor — desejou ver Hela novamente.

Num sussurro, a árvore floresceu. Galhos antes cinzentos se cobriram de folhas verdes. Do solo, como uma flor nascida da saudade, surgiu a figura de Hela. Viva, radiante, como fora no tempo em que o amor os unira.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Serano. Ele olhou para Herba, que apenas sorriu e disse:

— Vá! Viva o que antes foi perdido.

E assim ele fez. Os anos passaram e Serano viveu ao lado de Hela com uma felicidade tranquila. Sempre voltava ao bosque para visitar a árvore, que, desde aquele dia, nunca mais secou.

Ano de 1999

Num fim de tarde nublado, Serano retornou ao bosque e percebeu algo estranho: a árvore mágica estava morta. Não apenas ela — todas as árvores estavam secas, como se a vida tivesse sido sugada da terra.

Um frio estranho lhe percorreu a espinha. Voltou para casa, tentando ignorar a sensação. Mas naquela mesma noite, recebeu uma notícia inesperada: Herba havia morrido.

Tomado por uma tristeza profunda, decidiu ir ao cemitério prestar sua última homenagem. Mas, ao chegar lá, encontrou o lugar deserto. Nenhum enterro, nenhuma alma viva.

No centro do cemitério, apenas uma árvore viva, brilhando sob o último raio de sol.

Curioso e aflito, Serano se aproximou. Aos pés da árvore, uma lápide:

“Aqui jazem os restos mortais de Herba.”

Ao lado dela, outra, que o congelou:

“Aqui jazem os restos mortais de Serano — o homem que plantou fé na Natureza, mas colheu silêncio no jardim da Morte.”

Serano recuou. Seus olhos se encheram de espanto. A verdade o atingiu como o sopro frio do além.

Herba não era apenas uma senhora. Ela era a própria Natureza. E Hela, sua amada... era a Morte.

Serano jamais a trouxe de volta. Foi ele quem atravessou para o outro lado.

Naquele bosque, naquele dia, ao tocar a árvore — ele morreu. E, desde então, vivia apenas uma ilusão.

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Raíssa Freiman dos Reis**Professora orientadora: **Bianca do Almo Gomes**

Escola Firjan SESI Nova Friburgo



A última semente

Dona Maria acordava cedo todos os dias. Aos 74 anos, já não tinha a pressa da juventude, mas ainda guardava a sabedoria que se aprende na terra. Sua casa, simples, de madeira antiga, ficava no alto de uma comunidade esquecida pelo progresso, mas não pela força das raízes.

Naquela manhã, o céu estava estranho. Um calor abafado tomava conta do ar, mesmo com o sol ainda nascendo. Ela sentiu, no peito, o mesmo aperto que sentira anos atrás, quando viram o riacho secar pela primeira vez.

Sentou-se na varanda com um punhado de sementes nas mãos: milho, feijão, abóbora. Eram poucas, mas cada uma carregava histórias de família, de partilhas, de fartura.

Seu neto, Jonas, de 16 anos, aproximou-se com o celular na mão, falando de um vídeo que mostrava uma enchente arrastando casas no Sul do país.

— É o clima, vó... tá tudo virando de cabeça pra baixo.

Dona Maria assentiu, em silêncio. Lembrou-se de quando plantava com o pai e as estações eram certas. Sabiam quando viria a chuva,

quando era hora da colheita. Hoje, a terra gritava confusa, tentando avisar que estava cansada, mas poucos escutavam.

— Vem cá, Jonas — disse ela, estendendo a mão com uma única semente de feijão. — Tá vendo isso aqui?

Ele olhou, curioso.

— Isso não é só comida. É vida. Se a gente plantar com cuidado, ela cresce. Mas se jogar veneno, se queimar tudo, se esquecer da chuva... ela morre. E morremos junto.

O menino ficou em silêncio, olhando a avó com outros olhos. Pela primeira vez, entendeu que a natureza não era só cenário — era parte dele também.

Naquele dia, plantaram juntos. Cavaram a terra dura, regaram com água guardada da chuva, e enterraram a última semente com delicadeza. Dona Maria sorriu. Talvez não vivesse o bastante para ver a colheita, mas sabia que o futuro precisava daquele gesto.

Semanas depois, veio uma tempestade forte. A enxurrada levou ruas, árvores e a pequena casa de madeira. Quando os voluntários chegaram, encontraram apenas lama — e, em meio a ela, um broto verde insistindo em viver.

Jonas, agora abrigado em uma escola da região, carregava no bolso uma pequena caixa com novas sementes. Dona Maria havia deixado para ele, junto com um bilhete:

“Cuide da terra como quem cuida de quem ama. Porque ela é a única que sempre cuidou da gente.”

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Rayane da Costa Francisco**Professor orientador: **Paulo Roberto Oliveira Lima Ramos**

Escola Firjan SESI São Gonçalo



Águas que fluem

Já passava das 22h, e ela ainda estava acordada, do lado de fora de casa, sentada no chão de concreto quente. O sol se fora, e a lua brilhava no céu. Mas seu brilho parecia queimar, aquecendo o ar e tudo ao redor.

Marina respirava... expirava. Sufocada.

Sentia falta do ar frio e úmido, daquele que enchia seus pulmões de vida. Sentia falta da brisa fresca da noite, das nuvens que já não cobriam o céu. E, naquele instante, sentiu sede e lembrou da falta da chuva.

Quando criança, brincava por horas sob o sol. Naqueles tempos, não precisava cobrir o corpo para não se queimar. A água não custava o valor de uma vida. As crianças se encontravam depois do almoço e não ficavam em casa.

Marina sabia: as coisas haviam mudado — e eram irreversíveis.

Estou observando-a há muito tempo. A ela, e a todos vocês. Aproximam-se de mim como se me desejassem. Tentam, há séculos, chamar minha atenção. Mas, quando conseguem, imploram por mais uma

chance de viver.

Tenho visto vocês destruírem até o chão onde pisam, só porque descobriram que podiam. Quanto mais o tempo passa, menos entendo.

— Marina... Marina... — sussurro. Gotas de água caem do céu. Olhos se erguem. Marina pisca. Um sorriso tímido surge.

Chuva.

Imagino Marina festejando por dentro, aliviada pela pausa no calor. Mas ela pisca de novo. Os olhos se arregalam. O sorriso escorre.

Não chovia há três anos.

Ela permanece paralisada. Mal lembrava da sensação da chuva em sua pele. Gotas caem, lentas. Marina só me vê quando chego bem perto e me coloco à sua frente. Está curvada, com os joelhos grudados no peito, os braços ao redor das pernas, a cabeça erguida, os cabelos ensopados. Ninguém se lembra de mim e muitos fingem que não existo, mas aqui estou. Coloco meu rosto diante do dela. Enxergo a profundidade dos seus olhos. Leio seus pensamentos. Gritos contidos, o terror em seu olhar, o coração acelerado.

Ansiedade. Ansiosa porque cheguei. Alguns diriam que Marina ficou muda por falta de palavras, mas sua mente estava em um turbilhão tão violento que, se tentasse falar, tropeçaria em cada sílaba.

Chuva cresce. Chuva forte. Desastre.

Marina continua imóvel. Sente tudo, pois agora me vê com clareza. Quando me veem, arrependem-se não só pelo que fizeram, mas pelo que deixaram de fazer. Mas já é tarde. Rio em pensamento. Rio porque vejo de perto onde suas escolhas os levaram. Mas não sou cruel. Tampouco feliz. Não sinto prazer em tirar vocês das famílias ou levá-los ao desespero. Estou aqui porque vocês me mantêm perto.

Não posso mudar o que sou. Vocês não permitem. Sou a única sem livre-arbítrio e continuo sendo o que me chamam: a Morte.

A chuva para de atingir o chão. Agora aterrisa na água.

A água sobe até os pés de Marina. Ela não se move. Como sempre. Como todo esse tempo. Como tudo o que fez até aqui.

Tola.

Água... cai.

Nuvens. Colidem como rochas. Trovão.

A água sobe. Ombros. Coberta. Levada. Eu.

Desculpem por não mostrar em detalhes o fim de Marina. Nunca fui boa em me descrever, mas sempre tive plena consciência de mim. Vocês, por outro lado, ouvem meu nome ou até me veem, mas ninguém que já me conheceu vive para contar quem sou. E eu mesma não direi.

Mas, para sorte ou azar de vocês, deixo claro: passei por aqui. Alerta. Aviso. Mais um. Marina se foi. Eu permaneço. Há muito trabalho.

Deixo de olhar o que restou dela: aquela presença invisível. E olho adiante. Observo vocês.

Adaptaram-se ao desastre: ao calor constante, ao sol insuportável, à atmosfera aquecida, às mudanças extremas de temperatura. Evoluíram, mas não progrediram. Repetem o mesmo ciclo.

Um som. Um passo. Arrasto. Outro passo.

Ouçam: Marina morreu por algo que não podia controlar naquele instante — mas também por algo que podia.

A culpa não foi só dela. Mas foi também dela. Assim como é de vocês. Outro passo. Outro arrasto.

Estão vendo? É assim que eu ando. Sem pressa.

Porque, não importa o quanto corram ou finjam não me ver, vocês sempre chegam até mim.

Ao contrário do que pensam, eu não persigo vocês. São vocês que me perseguem.

Firjan SESI

2ª série de Ensino Médio

Nome: **Miguel Evangelista dos Santos**Professora orientadora: **Bianca do Elmo Gomes**

Escola Firjan SESI Nova Friburgo



Tukano da terra-floresta

No princípio, a Terra cantava como um beija-flor embriagado de luz. Quando criança, o mundo era um abismo por desvendar — não este que meus olhos amargam, mas o que me viu nascer. Brotei na primavera como semente estalada pelo trovão e fui nutrido com o mel das abelhas-juruá, guardiãs do tempo e das línguas extintas. Éramos filhos nus da Mãe-Natureza, cobertos pela inocência do orvalho. Corríamos pelos bosques como se dançássemos no sonho de um cipó. O Uirapuru cantava poemas ao vento, feito livro vivo. Os reis tinham tronos de raiz e braços em forma de galhos-pauta, onde Ararajubas compunham sinfonias. As folhas espirravam pólen como bênçãos. E meu coração, em maracás, chamava os espíritos da floresta para celebrar o verbo Ayvu.

— E sua mãe, como era ela? — perguntou a criança, com voz de folha molhada e eco antigo, como se brotasse da madeira da janela.

O tempo se abriu como fruta madura, e o verão irrompeu com a fúria dourada de um jovem sol, devorando nuvens de algodão. Foi assim que encontrei quem me sonhou — olhos de igarapé, mãos de samaú-

ma, cabelos de cipó-tucum trançando cantos de araponga, pingando seiva de breu. Sentia o abraço das brasas, serpentes de luz tatuando febre na pele. Nadávamos entre galáxias como a Boiúna, tecendo mapas vivos. Dentro de mim, formigas de vidro carregavam ideias em chamas, e eu ardia sem nome — alegria translúcida misturada ao cansaço das onças antigas. Tamanduás flamejantes lambiam o ouro líquido da terra sagrada. Iara, senhora das águas secretas, com voz de correnteza, ensinava aos sabiás canções que morriam ao nascer. Entendi — mesmo sem saber dizer — que aquilo tudo... era mãe.

Com voz que escorria das copas, perguntou, leve como folha sobre rio escuro: — Se o amavas tanto esse mundo, por que o deixou, mesmo podendo senti-lo?

Certo dia, o outono levou a infância como folhas sussurradas por ancestrais. Numa noite densa, sob o olhar da Mãe Lua, o Urutau, mensageiro do deus Sonho, cantou como tambor d'água e tudo revelou: dragões do ocidente cruzavam a floresta, deixando um rastro de silêncio morto. Suas asas sopravam ventos que desenterravam o tempo. Seus olhos ardiam de posse; suas gargantas, de fim. Restou apenas a poeira cinzenta, onde ergueram castelos de concreto e glória vã. Senti medo anímico, como se meus olhos petrificassem. Fugi, coberto por um rio turvo de confusão. Atravessei aldeias com um silêncio melancólico sabor de vinho amargo e raiz. Assim cheguei a este mundo, exilado de tudo que amei.

— E o que viu e sentiu? — perguntou, como quem ainda acredita que a resposta possa salvar.

O inverno chegou, trazendo o frio da alma deste mundo onde habito. Aqui, vi corações estilhaçados como troncos, rios envenenados como a bondade, brasas onde antes florescia sonhos. Meu sangue, que pulsava o pau-brasil, agora escorre petróleo. Os corações dos inquilinos deste lugar tornaram-se gelo espesso, como as geleiras que derretem. Os animais, enjaulados; o mais feroz, que veste terno e gravata, caminha livre, sorrateiro. O ar que entra nos pulmões virou espólio, cinzas de seringueiras. Os Xapiri — os espíritos dançantes da

floresta — partiram para outras aldeias, e Tupanã, o trovão, calou-se, envergonhado da própria criação.

— Acredita... que ainda há cura? — perguntou a criança, com a voz carregando não só dúvida, mas o peso do destino do mundo.

— Vi uma semente cair em ti, mancebo. Não do campo, a que brota na terra fértil da alma. Espinha dorsal que sustenta o que vive. Ouça: salvar a natureza, talvez seja reencontrar a natureza de sermos humanos, somos raízes da mesma floresta.

O velho, cego dos olhos, mas cheio de visões, silenciou. A criança — Esperança moldada de ternura — pegou sua mão trêmula e sussurrou: — Tudo o que você amou, ainda vive em mim.

E partiu com passos leves, levando nos bolsos as últimas sementes do mundo. O velho sorriu. Porque entendeu que a Terra nunca morre enquanto alguém a sonhar. E o futuro ainda pode florescer... se houver ESPERANÇA.

Firjan SESI

2ª série de Ensino Médio

Nome: **Carla Vitória Carvalho**Professora orientadora: **Gessica Granadeiro de Oliveira**

Escola Firjan SESI Petrópolis



Menina Sem Cor

Me chamo Menina Sem Cor. Sem cor porque aqui onde eu moro o mundo perdeu suas tintas. Não tem verde, não tem azul. Só o cinza domina. O cinza da fumaça que nunca some, das paredes manchadas, do céu pesado, dos fios embolados que cortam o horizonte. A cor da favela, dizem, é alegria, mas quem vive aqui sabe que nem sempre dá para sorrir.

Acordei, como em quase todos os dias, sem água. A torneira só fazia um barulho triste, oco, vazio. Minha mãe já nem se surpreende mais. Enche os baldes quando consegue, economiza cada gota, como se fosse ouro líquido. E, de certa forma, é.

Aqui, água é luxo.

Abri a janela. O que eu via era a mistura do concreto com o pó, dos barracos empilhados, das ruas que mais parecem veias abertas da cidade. Lá longe, bem longe, dava pra ver uma mancha verde — um parque, talvez. Um lugar onde a natureza ainda respira. Aqui, ela quase não existe mais.

Minha avó me conta que, quando era menina, esse morro tinha ár-

vores grandes, sombra fresca, passarinhos cantando. Ela dizia que a natureza parecia abraçar quem morava aqui. Mas hoje... hoje não sobra quase nada. O verde foi sendo arrancado, árvore por árvore, para abrir espaço para as casas, pro cimento, pro improvisado. E com ele, foi embora também o vento bom, a sombra, a água limpa que descia das nascentes.

A gente vive no que sobrou. E o que sobrou é duro, seco, quente. Quando chove, não é só chuva. É tempestade. A água escorre desesperada, como se tentasse fugir da gente também. Leva tudo. Carrega os pedaços das casas, dos sonhos, das vidas. As ruas viram rios de lama. O medo mora com a gente.

Lembro bem da última vez. Era noite. O trovão parecia rasgar o céu. Corremos para salvar o que dava. Vi o barraco do seu Zé escorregar morro abaixo. Vi criança gritando, mãe desesperada, gente tentando segurar com as mãos o que o mundo inteiro já não segurava mais. De vez em quando, a natureza grita. Quando chove demais, a água invade tudo. Leva móveis, leva vidas, leva esperança.

E nos dias sem chuva, é o calor que castiga. O sol bate no telhado de zinco como se quisesse furar. Não tem árvore para fazer sombra. Não tem vento que refresque. Só o ar quente, pesado, difícil de respirar. O céu azul que aparece na televisão, nas novelas, não mora aqui. O nosso céu é uma mistura de cinza, fumaça e poeira.

E tem também o lixo. Ah, o lixo... Ele está em todo lugar. Nos becos, nas esquinas, nas valas. Não porque a gente quer. É porque nunca passa caminhão. Porque o serviço que chega lá no centro, nos prédios bonitos, não chega aqui. A natureza tenta, coitada. Às vezes vejo uma planta teimosa nascendo no meio do asfalto rachado, entre os blocos de concreto, lutando para existir. Assim como a gente.

Demorei pra entender que isso tem nome. Racismo ambiental. É isso que faz com que nossa pele preta e nossa favela sejam sempre as primeiras a sofrer. As fábricas jogam seus lixos no nosso rio. As queimadas, as construções, tudo que destrói o meio ambiente parece sempre acontecer mais perto da gente. É como se dissessem que nosso

corpo, nossa vida, vale menos.

Quando as sirenes tocam, quando o barranco cai, quando o fogo se espalha, a manchete é sempre a mesma: “Tragédia na comunidade.” Mas ninguém diz que a verdadeira tragédia começou muito antes. Começou quando decidiram que aqui seria o lugar do esquecido, do descartável, do invisível.

Mas, mesmo sem cor, a gente resiste. Resiste como aquela florzinha que nasce na rachadura. Resiste como o passarinho que, às vezes, aparece no fio, cantando baixinho, como se quisesse lembrar para nós que a natureza ainda tá aqui, escondida, quieta, esperando ser cuidada.

Sonho com o dia em que o verde volte a morar aqui. Que o vento volte a soprar forte, que a água desça limpa das encostas, que as crianças possam brincar sem medo da lama, do fogo, da seca. Sonho com o dia em que a favela tenha o mesmo direito de respirar que qualquer outro lugar.

Por enquanto, sigo. Sigo sem cor, mas não sem vida. Sigo sem cor, mas não sem esperança. Porque quem nasce sem cor aprende que, mesmo invisível para os olhos do mundo, carrega dentro de si as cores mais fortes que existem: a coragem, a luta e a vontade de transformar.

Firjan SESI

2ª série de Ensino Médio

Nome: **Sofia Cordeiro da Silva**Professora orientadora: **Renata Barbosa Silva Pizotti**

Escola Firjan SESI Jacarepaguá



Raízes de nós

Ao longe, Ayra Xavante ouviu a voz doce de sua mãe ecoar. Distraída, mal viu o tempo correr. Desligou o fogo, sentiu o aroma; a panela fumegava. Ela então se viu pronta para saciar o estômago vazio.

De repente, porém, algo freou seus sentidos: uma onda de flashbacks lhe atingiu, seguida de uma tontura inebriante. A aldeia em chamas... o caos e o lamento daquelas memórias se recusavam a deixá-la em paz.

A fumaça parecia preencher seus pulmões, ainda que o incêndio tivesse cessado. Talvez, não dentro dela.

Sentindo-se sufocada, Ayra foi ao quintal a fim de recuperar o ar de volta ao peito. O lugar possuía uma atmosfera bucólica, floral, e o sol reluzia ao redor. O cultuava como um elemento sublime, divino e essencial à vida. Era estranho pensar que as temperaturas mais sufocantes já registradas poderiam vir de algo tão belo.

Foi então que um sopro revestido de voz a sobressaltou. Se afastou de imediato, analisando à sua volta.

Uma vez decidida a deixar o quintal, a voz calma e suave a deteve,

indagando: — O que te assombra, Ayra?

Seus olhos seguiram o som: vinha do pé de laranjeira. Meio atônita, repetiu a frase em um sussurro. Tendo escutado, o pé respondeu:

— Sim, Ayra. Sinto sua angústia, sua aflição. O que te passa, minha jovem?

Sentiu a voz presa na garganta, incapaz de reagir.

Contudo, movida por uma chama de curiosidade, não se conteve:

— E a natureza fala? — perguntou, descrente.

— É claro — disse a árvore. — Não percebeu? Suplicamos por ajuda, por misericórdia. Estamos desaparecendo, morrendo aos poucos. E quase ninguém nos escuta. Poucos têm um coração como o seu.

Notando a incompreensão da menina, esclareceu:

— Possui humanidade, Ayra. Isso é grandioso e nos entrelaça. Agora, diga: o que te aflige?

Num suspiro, abriu-se:

— Meu passado insiste em me assombrar. Minha aldeia foi incendiada e eu me sinto...

Os batimentos cardíacos, agora mais brandos, lhe permitiram se sentar aos pés da árvore. Sentiu-se acolhida. Percebeu que não sabia expressar a dor de perder tudo, mas a laranjeira parecia entender.

Na infância, as queimadas assolaram a floresta em que vivia, destruindo tudo o que lhe alcançava. Histórias, raízes, pessoas: todas apagadas pela chama. Sem refúgio, sua mãe recorreu à cidade grande buscando subsistência. Se agarrou a todos os meios para proteger sua filha — tudo o que lhe restava — e enfrentar o luto de perder seu companheiro. Desde então, tem sido assim: Ayra, os deuses sagrados e ela contra o mundo.

— Veja, Ayra: cada território devastado é uma parte da história que se esvai e outra que se perpetua: o descaso com as terras originárias. O lucro, cega. E o povo paga. É injusto. É a natureza das coisas — disse a árvore.

O paradoxo se tornou evidente: a humanidade era, muitas vezes, desumana. Simples assim. Nua e crua.

— A natureza sofre como você, Ayra. Ainda que eu faça parte dos ecossistemas, que eu equilibre a vida terrestre, me corrompem. E eu vejo tudo: como isso te afeta, o quanto afetou o seu povo e o quanto ainda o faz. Contudo, pequena, persista. Ainda resta esperança. Somos a esperança.

O vento soprou as folhas e ela previu uma das laranjas cair.

— Aqui, para você — continuou. — Apesar de tudo, lembre-se: humanidade e natureza não são opostos, Ayra, são raízes de um mesmo pé de laranjeira.

Então, num lapso, súbito e indolor, ela tomou consciência da realidade. Mas o lampejo logo tornou-se trágico: sentiu o estômago sôfrego. Notou que delirava. Delirava de fome. A árvore não falava. Sua mãe não estava. A panela, antes fumegante, agora se revelava vazia. E o mais atroz: continuava perdida no mundo, onde nunca foi capaz de pertencer após as queimadas.

Ayra se deu conta da injustiça climática, humana e cruel da qual era refém e que, mesmo após tanto tempo, permanecia incendiada.

Em silêncio, retirou um pedaço da laranja e a enterrou debaixo da terra, em memória de sua mãe.

Então, em um impulso voraz e aflito, devorou o que restava. Por fim, perguntou-se, por um instante, se a laranja era mesmo real.

Firjan SESI

3ª série de Ensino Médio

Nome: **Lara Fidalga Britto Rocha**Professor orientador: **José Alexandre Santos Oliveira**

Escola Firjan SESI Maracanã

**Verde**

Júnior queria. Queria ir, queria rir, queria ficar. Era tudo ao mesmo tempo. O querer do corpo miúdo, preso nos lençóis de hospital com cheiro de vencido e promessas de cura que não chegavam. Pulmões que não sabiam fazer sozinho. Máquinas que respiravam por ele, por misericórdia, por rotina. Mas ele ainda queria. Queria a coisa que ninguém lhe ensinou: verde.

A cor do mundo antes da invenção dos corredores brancos. Disseram-lhe que nunca correu. Não se lembrava. Talvez não mesmo. Nunca subiu em árvore, nunca caiu de joelho, nunca ouviu o real das folhas, só barulhos de plástico, passos de gente apressada, apitos metálicos, mas dentro dele sabia. Sabia do cheiro da chuva na terra batida. Sabia que o vento também podia ser toque. Sabia o que nunca soube. Sabia sem saber como sabia.

Júnior queria folha. Queria tocar grama com a cara. Queria sentir formiga andando no braço e não agulha. As agulhas vinham todos os dias. Vinham com sorrisos que escorriam como soro. Mas a grama, essa não vinha.

Um dia, talvez nem tenha sido dia, o hospital não tinha sol, só relógio. Ele fechou os olhos e sentiu uma semente dentro da cabeça. Não doeu. Germinou. Talvez fosse só febre. Mas era verde. Tão verde. O lençol respirou. Veio um som de passarinho, ninguém ouvira além dele. Passarinho no hospital? Era bonito. Cantava seu nome como se fosse novo: “Juuu-nioooooor...”

A máquina apitou. Era só ela dizendo que estava ali, ainda ali. Sempre ali. Sempre a mãe substituta. Sempre lembrando, você ainda não respira só. Mas Júnior já estava longe. Dentro. As veias viraram cipós. Os dedos, pétalas molhadas. No fundo do olho, uma floresta começou a crescer. Era um botão de flor. Um botão tímido, fechado, mas insistente. Um estou aqui silencioso. O oxigênio agora tinha gosto. Tinha cheiro. Sabor de rio limpo. A água escorria pela traqueia como se fosse nascente.

A enfermeira entrou. Não viu nada. “Ele está dormindo”, disse, desligando a luz. Mas ele estava era nascendo. O tubo de oxigênio virou trepadeira. Subiu pelas paredes, floresceu na tomada. As paredes racharam como casca de ovo velho. Atrás delas, folha. Folha e bicho e vida. Júnior se levantou. Sem dor. Sem o peso dos fios. Pé no chão. Era chão. Terra. Barro. Pisou e afundou um pouco. E riu. Riu da sujeira, do gosto de liberdade. Era isso. Era isso que o peito dizia desde sempre.

Quero ir. Quero ficar. Quero tudo.

A máquina apitou, depois parou. Chorou o silêncio. Quando voltaram ao quarto, havia terra sob o travesseiro. E uma folha. Verde. Nova.

Firjan SESI

3ª série de Ensino Médio

Nome: **Yasmim da Silva Guedes de Melo**Professora orientadora: **Lais Vianna de Oliveira**

Escola Firjan SESI Tijuca



Se ainda houver norte

Alô, alguém na escuta? Aqui é o tenente Rodrigo, falando do norte da província de Québec. Estamos em um dos nossos abrigos... Conseguimos estocar cada vez mais água potável... nosso solo está fértil, conseguimos plantar sementes frutíferas...

(O rádio chia. Depois, silêncio.)

2125

O mundo em completo colapso. O ar antes leve, agora era um sopro pesado e denso, como se a terra tivesse parado de respirar. Os mares engoliram cidades inteiras, arrastando prédios, ossos e memórias. O solo se abriu em rachaduras profundas, e tudo que antes brotava virou pó. As florestas queimaram. Os animais viraram lendas. A luz do sol virou um reflexo sujo atrás de uma cortina de fumaça e gás.

Clara correu de volta ao abrigo com o rádio nas mãos. O coração descompassado. As perguntas gritando. Seria verdade? Um lugar com água limpa. Um chão que dá frutos. Um teto que não derrete com a chuva?

Empurrou a porta com força. Lá dentro, o mundo dela, onde se dormia. Seis crianças. Três meninos, três meninas. Miguel, o mais novo, tossia baixinho. Uma tosse curta, fraca, mas que a preocupava.

Clara se abaixou, encostou a testa na dele. Febre.

A doença não dizia nada, só avançava.

Ela havia saído em busca de remédio. Vasculhou casas abandonadas, armários partidos, mochilas reviradas. Encontrou apenas o rádio. E aquela voz.

Agora, mesmo mudo, o rádio vibrava dentro dela.

Sentou-se num canto. As pernas doíam. O peito doía mais.

Antes do fim, Clara foi engenheira ambiental. Trabalhou para uma empresa de energia que, em nome do progresso, esgotou aquíferos subterrâneos em troca de produtividade.

Ela viu os relatórios. Gráficos vermelhos. Planilhas alertando sobre seca, fome, deslocamentos. Chamaram de especulação. Ignoraram.

Ela assinou. Todos assinaram.

Mas agora, só ela restava.

E o mundo... bom, o mundo não restava mais.

As crianças não eram dela. Mas eram tudo o que tinha. Ou talvez tudo o que lhe restava como forma de reparar o que fez. Uma redenção que nunca chegava, mas que ela insistia em buscar.

Seu corpo pedia descanso. Mas a mente, ah, a mente, só queria não existir por um instante.

– Quer ser heroína agora, Clara?

– Depois do estrago feito?” – respondeu a si mesma.

Só olhou para as crianças.

Eram sua redenção.

Ou sua tentativa de.

A chuva começou. Primeiro com lentidão. Depois, como ferrugem pingando do céu.

Clara saltou de pé. A lona do abrigo tremia.

A água escorria escura, espessa, ácida.

O som do plástico derretendo parecia um lamento.

Uma goteira atravessou o teto. Depois outra.

Seu “lar”, seu último refúgio, começava a se dissolver.

Clara pegou Miguel nos braços. Ele ardia.

Os outros acordaram, assustados, mas em silêncio.

Um silêncio aprendido. Chorar era um luxo do mundo que se foi.
 Ela correu até as mochilas.
 Três latas. Dois cantis. A boneca de pano.
 O rádio chiou de novo.
 ...Se alguém estiver ouvindo... o abrigo... norte... água...
 Chiado.
 Silêncio.
 Trinta e dois graus.
 Ela fechou os olhos.
 O medo e a esperança apertavam a garganta com a mesma força.
 Sair significava atravessar quilômetros de deserto tóxico, zonas de
 contaminação, o desconhecido.
 Ficar era morte lenta.

Clara segurou a mão dos gêmeos.
 Amarrou Miguel nas costas.
 Chamou os outros com um gesto.
 Estavam prontos.
 Não por escolha. Mas pela falta dela.
 Ela olhou uma última vez para dentro do abrigo.
 Deixou uma carta.
 “Se alguém ler isto, significa que talvez exista um depois.
 Vamos para o norte. Há uma voz dizendo que lá há água, terra,
 abrigo.
 Talvez seja uma armadilha.
 Talvez seja só mais uma mentira.
 Mas talvez... seja o bastante para seguir.
 Eu só espero que não seja tarde.”
 A chuva engrossava.
 Clara abriu a porta. E partiu.
 Silhuetas sumindo na névoa tóxica.
 Passos pequenos. Respiração contida.
 Lá longe, no horizonte sem cor, um brilho.
 Podia ser o reflexo de algo vivo.
 Ou o fim...

Firjan SESI

3ª série de Ensino Médio

Nome: **Samuel B. de Souza Marques**

Professora orientadora: **Danielle Alves Marins**

Escola Firjan SESI Resende



A árvore da vida

Meu avô plantou uma árvore no dia em que meu pai nasceu.

Ele nunca foi de falar muito. Mas num almoço de domingo, ele me disse enquanto descascava suas laranjas:

— Em algum lugar do mundo, tem uma árvore crescendo junto com seu pai.

Achei aquilo curioso. Parecia simbólico e poético, mas se conectava com a realidade.

Meu pai, lembrando disso, sorriu e trouxe à memória o dia do meu nascimento. Logo após eu sair da maternidade, ele plantou uma muda de laranjeira. Quando a árvore já fazia sombra e deixava cair seus frutos, ele disse:

— Em algum lugar do mundo - repetindo meu avô - existe uma árvore crescendo com você.

Eu nunca fui de observar o verde e o ambiente em volta, mas comecei a ver aquela árvore com um olhar diferente, como uma conexão pessoal. Como se suas raízes fizessem parte de minha circulação sanguínea, conectando-se ao meu cérebro. Havia uma presença, alguém

que me conhecia ali.

Cada galho novo me fazia perceber o quanto eu estava também crescendo. A resiliência da árvore durante os fortes ventos quentes que vinha das queimadas me inspirava. E até houve empatia na falta de água durante a seca prolongada - eu e ela pedíamos por chuva. As estações me confundiam, mas ela me fazia ler o mundo.

A civilização começou a crescer ao redor dela. Concreto por cima das poucas gramíneas que restavam na região. E o céu azul deu lugar ao dióxido de carbono. Estudos científicos avisavam dos fenômenos atmosféricos ali presentes. Eu os via e sentia, junto da árvore, que continuava crescendo mesmo naquele cenário de ganância humana.

Depois disso, vieram os sonhos. Esses sonhos se diferenciavam dos outros. Sonhei com as florestas e sua respiração; meus brônquios se tornaram um só com os galhos. Eles cresciam até às estrelas, e naquele macrocosmo notei um Espiral de Éons e eras da memória universal. O homem é minúsculo diante da vida que as árvores carregam, sendo uma delas a que meu pai plantou. Aquela laranjeira não apenas pertencia a minha geração, mas às lembranças de uma vida anterior a nossa: a natureza.

E, então, vieram os anúncios: um projeto urbano de loteamento “sustentável” que parecia bonito no papel. Mas, para isso, a árvore teria que cair.

Na véspera da derrubada, passei um tempo ali, pensando em como impedir. Dormindo, sonhei com ela novamente. A árvore estava ficando cada vez distante, mas ainda silenciosa como meu avô partindo. Ela transmitiu tudo o que éramos e o que deixamos de ser. E como a Terra será depois de nós.

Acordei com os sons da motosserra. Eles já tinham chegado.

— Senhor, é o progresso, aceite. É apenas é uma árvore. - disse um dos engravatados.

Eu, porém, estava imóvel, parado diante deles e da árvore:

— Não irei permitir que tirem a memória e a respiração de mim.

Ali estava eu, respondendo para eles e suas máquinas. Defendendo

minha memória, a terra dos meus pais e o pulmão da comunidade. Mas apenas a minha revolta não foi o suficiente para impedir o sistema destrutivo, nada renovável.

O barulho das máquinas era sem vida, artificial. Os primeiros galhos caíram.

Aos poucos, a minha conexão com a árvore se rompeu enquanto eu sentia a motosserra em seu tronco. Percebi que o meu último sonho com ela era uma despedida. Dessa vez, suas folhas não iriam crescer novamente.

No instante da queda, o mundo estava em câmera lenta para mim. Processar cada pedaço, cada informação de sua seiva, foi como assistir uma civilização cair. Eram memórias ancestrais de que a natureza testemunhou. Por um momento, vi uma criança caminhando em direção à laranjeira. Era eu. E não consegui chegar.

O silêncio resultante após a queda foi sepulcral. Os homens consideraram a memória de meus pais e a importância da natureza como números. E seus galhos foram recolhidos como entulho.

As consequências das cicatrizes causadas na terra foram a perda do elo humano entre a natureza, eu e as lembranças.

Hoje ela não está mais lá. Mas, enquanto houver árvores vivas, há esperança. Em algum lugar do mundo, existe uma árvore nascendo conosco.

Firjan SESI

3ª série de Ensino Médio

Nome: **Emily de Amaral Pereira**

Professora orientadora: **Débora dos Santos Godoi Mariano**

Escola Firjan SESI Macaé



Silêncio

Naquela manhã, preparei-me para mais um dia intenso na sede da empresa de agronegócios — herança de meu pai e avô. Tudo estava sob controle — exceto o calor anormal, assunto que dominava os telejornais e páginas da internet. Mesmo assim, satisfeito com o crescimento dos meus investimentos, senti que aquele seria, especialmente para mim, um grande ano. Recebi um telefonema de Jorge, meu sócio; e animado, já fui falando:

- Nossos números estão nas alturas!!!
- Cara, você está acompanhando os noticiários?
- Ah, até desliguei a TV. Só se fala em tragédia.
- Como assim desligou a TV? Você está cego pelos lucros, Neto.

Estamos tendo um surto de insolação na cidade e isso deve chegar tão logo em todo o canto.

– Deixa de sensacionalismo, Jorge! Isso aconteceu numa área entre uma antiga represa, num terreno abandonado que virou lixão. No tal Jardim Paraíso... bem longe daqui. Sem riscos, meu caro.

A chamada caiu... e mesmo com o alerta de Jorge ainda ecoando,

resolvi abrir um vinho... Enquanto me embebedava, pensei no Jardim Paraíso: uma comunidade pobre, de casas amontoadas, telhados de zinco e chão de barro, lugar de extremo calor. Na minha lógica distorcida, aquilo era castigo por não terem buscado uma vida melhor. E, mesmo diante de tantas evidências, eu negava qualquer ideia de racismo ambiental – como se a desigualdade fosse apenas fruto do mérito.

Os dias frescos do outono se aproximavam, o que é estranho, pois o calor sufocava como em dias quentes do ápice do verão. Lá fora, o silêncio era absoluto. Nenhum pássaro, nenhum vento. Apenas o ar seco e sufocante. Por um instante, senti um desconforto estranho —um tropeço na consciência sobre a reportagem e a ligação do meu amigo, mas me mantive em casa, no meu frescor de sempre. Afinal, como dizia meu saudoso vovô, cada um vive conforme o conforto que pode comprar. De repente, ouvi um estalo: o ar-condicionado havia parado. Peguei o controle. Nada. Troquei as pilhas. Nenhum sinal. Acho que faltou luz. Sem ar, sem frescor. Abri a janela. Um bafo seco - um grito de terra ferida - invadiu a casa e arranhou minha garganta como lâmina de areia. Corri o mais rápido que pude até o gerador. Talvez fosse só uma queda de energia, e não um colapso causado pelo aquecimento global. Liguei para Jorge. Sem resposta... Liguei o computador, quase sem bateria. Algo grave estava acontecendo. O suor grudado a minha pele denunciava o calor insuportável. Parecia real o que os ambientalistas sempre alertaram — o colapso climático. Minha mansão, tão isolada das pessoas, tornou-se minha própria prisão. Saí pela rua, mas tudo era tão distante que não podia pedir socorro a ninguém. Ofegante, tentei correr até o bairro mais próximo, escorreguei numa poça que, um dia, foi fonte de frescor — agora, lama e castigo. Ao encostar a cabeça no chão, com a visão turva, lembrei do Jorge chamando-me de ‘cego’. O ar seco, agora também me faltava, e tudo que me restava era o peso de enxergar, somente agora, o quanto colaborei para o impacto ambiental. Construí minha casa e minha empresa onde havia uma aldeia indígena - de gente simples, muito espirituosa, acostumada a viver da terra. Não plantavam por

lucro. Dividiam colheitas e respeitavam o tempo da natureza — nutriam uma relação com a Terra e a chamavam de Mãe. Tentaram me resistir. Mas eu os retirei de lá, onde a terra era preservada com reverência. Em nome do progresso, cheguei com meu trator e uma escritura tão fria quanto eu. Convicto, removi tudo: a mata e a vida. Tornaram-se cinzas. Transformei lar em lucro. E agora, retorno ao pó — engolido pela mesma terra que tentei silenciar.

Nome: **Felipe Vieira**Professora orientadora: **Raquel Silva Soares**

CIEP 193 – Wilson Mendes/Baixadas Litorâneas



Quando a floresta tossiu

Durante séculos, a floresta viveu em paz. Os ventos dançavam entre as folhas, os pássaros cantavam seus segredos e os rios contavam histórias antigas. No centro dela havia uma árvore velha chamada Jatobá, testemunha viva do equilíbrio entre terra, ar e vida, mas os tempos mudaram.

Chegaram homens com máquinas, com fome de lucros e pressa no olhar. Vieram os motosserras, o fogo, a fumaça. O céu, antes azul e cheio de cantos, se tornou cinzento. O ar ficou pesado. A floresta tossiu.

Os animais fugiram. Os rios secaram. O solo rachou.

Na cidade, ninguém ouvia a tosse da floresta. Mas Luna, uma menina curiosa e sensível, sentiu algo diferente no ar. Sua avó dizia que a floresta era viva e agora estava doente.

Luna decidiu agir. Escreveu, falou, plantou. Convidou outros jovens a cuidarem do verde, a protegerem o que restava. Aos poucos, sua voz ecoou. Algumas pessoas ouviram, outras ignoraram. Mas a semente da mudança estava lançada!

Um dia, Luna voltou à clareira, onde o velho Jatobá havia sido queimado. E ali, em silêncio, brotava uma muda, pequena, frágil, mas cheia de vida!

A floresta ainda tossia... mas agora havia quem escutasse.

Nome: **Olivia Oliva Martinez**Professora orientadora: **Ingrid Ishihara**

C. E. Monteiro de Carvalho/Metropolitana VI



Febre da Terra, fardo dos pobres

A madrugada parecia mais densa do que o habitual. As paredes finas da casa de alvenaria mal seguravam o calor, e o breu era tão completo que até os ruídos se escondiam. Maria abanava o rosto do filho com um jornal amassado, tentando espantar os mosquitos e a febre que insistia em se alojar na pele do menino. Gabriel, com cinco anos, dormia agitado, seu peitinho arfando como se o ar custasse a passar.

A casa, uma construção modesta em um bairro esquecido da cidade, havia dias sem luz. A água, quando vinha, surgia fraca, marrom, como se até ela carregasse a poeira da rua. Era nesse cenário que Maria aprendia, todos os dias, a resistir.

Às cinco da manhã, um chiado fino cortou o silêncio. Gabriel acordou engasgado de ar. Seus olhos estavam arregalados, as mãos pequenas agarrando o lençol suado. O som vindo de seu peito parecia o assobio de um trem distante, cortante e constante. Era mais uma crise.

Maria já tinha visto aquilo antes. Sabia do terror que vinha em ondas: primeiro a falta de ar, depois o desespero nos olhos do filho, e por fim, a corrida. Só que, naquele dia, o medo parecia mais afiado.

Enrolou Gabriel nos lençóis, prendeu os cabelos e saiu em disparada pela rua de terra. A cada passo, o sol prometia despontar, mas a escuridão ainda reinava. A cada passo, ela pedia que Deus deixasse Gabriel respirar mais um pouco.

Chegou ao posto de saúde antes do portão abrir. Havia outras mães ali, outros velhinhos curvados pela falta de ar, outras crianças de olhinhos fundos e tosses secas. O lugar cheirava a álcool e angústia.

Quando finalmente foram chamados, o médico mal ergueu os olhos do prontuário.

— Mais um caso de broncoespasmo. O ar está pesado hoje. Inalador, por vinte minutos.

Maria segurou a mão do filho com firmeza enquanto a máscara cobria seu rostinho. Aos poucos, o chiado foi cedendo lugar a um cansaço sereno. Gabriel adormeceu no colo da mãe, suado, leve, vivo.

— Senhora — disse o médico, já se despedindo —, esses ataques estão sendo causados pela poluição acumulada. Aquela área onde moram... o ar é um veneno.

Maria apenas assentiu. Queria responder que o problema era maior: era o lixo não recolhido, o esgoto a céu aberto, o mosquito, o calor, a água rara, a ausência de políticas públicas. Mas calou. Sabia que, no papel, seu bairro não passava de um nome em um mapa. O resto — a dor, o abandono — era invisível.

Quando voltou para casa, o sol ainda não tinha nascido de todo. O céu, tingido de cinza, anunciava mais um dia de calor sufocante. Gabriel dormia nos braços da mãe, e ela o depositou no colchão com cuidado. Sentou-se ao lado e observou o menino respirar, agora em paz.

Lá fora, os primeiros ruídos da manhã tomavam conta da rua. Mas dentro dela, tudo era silêncio e esperança. E embora soubesse que a febre da terra não cedia fácil, Maria fez uma promessa: seu filho nunca mais acordaria sem ar — nem que ela mesma precisasse aprender a mover o mundo.

Nome: **Pedro Henrique Galdino de Andrade**Professora orientadora: **Carla Mariana**

C. E. José Veríssimo/Serrana I



A vingança da natureza

A terra tremeu pela segunda vez naquela manhã. O tempo fechou totalmente, raízes de árvores saíram do solo avançando contra as cidades. O mar, contaminado por lixo, ficou mais agressivo e os animais fugiram da floresta assustados.

No meio de todo caos, estava Jonas em sua casa. Um jovem dedicado à proteção ambiental, que apesar de assustado com toda aquela cena, sabia que precisava agir. Ele se preparou reunindo tudo que achava necessário, colocando em sua mochila e partiu para a floresta.

No caminho, viu que as raízes das árvores se mexiam como tentáculos, puxando carros e os esmagando. Também percebeu que tinha algumas criaturas estranhas feitas de terra e galhos, andando lentamente pelas ruas e colocando pessoas em um tipo de transe — um cenário interminável que as pessoas vivenciavam o forte calor das queimadas, ser o último animal da sua espécie e se afogar eternamente em um mar poluído e morto para sempre.

Vendo isso, Jonas segurou seu desespero, mantendo o foco e continuando a avançar. Percebeu uma mulher presa com uma raiz segu-

rando seu pé, Jonas foi rapidamente em direção a ela para ajudá-la, conseguindo tirar a raiz dela, e disse

— Ei! Tá tudo bem com você?

— Acho que sim... — respondeu a mulher tentando levantar.

Jonas vendo que ela não conseguia andar muito bem, se ofereceu para levá-la até sua casa. Ela aceitou e agradeceu. Enquanto ela mostrava o caminho, ele andava com cautela, para não ser pego por nenhuma criatura. Chegando lá ele percebeu que tinha muitas pessoas se abrigando nessa casa, até algumas feridas, ele queria resolver isso logo para tudo voltar ao normal. Estava anoitecendo e Jonas precisava de um lugar para dormir.

— Eu posso passar essa noite aqui? — perguntou Jonas.

— Claro que pode! Você me ajudou — respondeu a mulher.

— Obrigado. Aliás, nem perguntei seu nome... eu me chamo Jonas. Prazer. — disse ele.

— Martha. O prazer é meu — disse ela com um leve sorriso. — Como você viu, essa casa é bem grande, venha, vou te levar no quarto que você pode dormir — falou Martha levando ele até o quarto.

— Beleza! — disse Jonas

Após Martha deixar Jonas no quarto, ele foi em direção a cama, deixou sua mochila em uma mesa que tinha no quarto, se cobriu e adormeceu.

Na manhã seguinte, ele levantou cedo, pegou suas coisas, se despediu de Martha e partiu novamente. A rua estava com ainda mais raízes, mas sendo possível a passagem. Após algumas horas caminhando, ele finalmente chegou à floresta, estava nervoso e com medo, mas não hesitou. Na floresta havia uma névoa amedrontadora, que enquanto ele andava, via formas estranhas nela e umas risadas. Seu coração acelerou, ele apressou os passos e acabou caindo no chão.

Ele se levantou e viu monstros formados por lixo do mar espalhados pela floresta. Atento ao seu redor, Jonas avançava para o centro da floresta. Enquanto ele andava, foi quando escutou uma voz misteriosa falando com ele:

— Por eras, vocês queimaram minhas árvores sem piedade, enve-

nenaram meus mares... sempre destroem tudo! Todo esse caos que causei é para arcarem com as consequências de todo sofrimento que me fizeram passar! — disse a Natureza.

— Eu sinto muito mesmo por tudo que você passou, mas por favor, eu imploro... nos dê uma chance de consertar tudo isso, eu prometo que as pessoas vão parar, eu mesmo vou fazer o que for preciso para mudar as coisas. Ainda existem pessoas que se importam... — respondeu Jonas desesperado.

A voz ficou em silêncio por um instante e sussurrou:

— Esta será sua última chance. Mostre que ainda tem algo de bom na humanidade, mostre que vocês podem mudar... Pois não haverá segunda chance.

As raízes começaram a recuar, a névoa se dissipou, os monstros se desfizeram, as pessoas saíram do transe e o caos foi desfeito. Jonas caiu no chão aliviado, com a certeza de que o mundo jamais seria o mesmo.

Nome: **Wilson Vianna dos Santos**Professora orientadora: **Viviane de Oliveira Mello**

C. E. Barão do Rio Branco/Metropolitana I



O último Ipê

Na esquina de uma rua em Japeri, cidade simples e esquecida no mapa do Rio de Janeiro, havia um ipê-amarelo que parecia sonhar em flor. Todo setembro, mesmo entre a poeira, o barulho dos trens e o calor que grudava na pele, ele explodia em flores como se dissesse: “Ainda vale a pena”.

Foi Viviane quem o plantou. Mulher de poucas posses, mas de muitos amores — e o maior deles era pelas flores. Seu quintal, apertado entre muros rachados, transbordava de vasos com violetas, margaridas e até samambaias resgatadas do lixo. Mas o ipê não ficava no quintal. O ipê era especial. Ganhou a calçada. Foi plantado com cuidado e esperança, décadas atrás, para que desse sombra, beleza, e um pouco de dignidade àquela rua esquecida pela prefeitura e pelos políticos.

Viviane o tratava como filho. Regava, conversava, aparava folhas com uma tesoura velha. Dizia que aquela árvore era “a única coisa viva que não desistia dela”.

Os anos passaram. As crianças cresceram. Os vizinhos se mudaram. Japeri continuava pobre — com asfalto malfeito, postes tortos, esgoto a céu aberto em alguns cantos — mas lá estava o ipê, florescendo como um grito bonito em meio ao descaso.

Até que um dia, chegaram homens da prefeitura. De capacete, jaleco, papel na mão:

— Senhora, a árvore tem que sair. Tá empurrando a calçada, tá perto dos fios, atrapalha a obra.

Viviane cruzou os braços finos e ficou entre a árvore e os homens.

— Isso aqui é tudo que eu tenho. Eu plantei quando nem casa eu tinha direito. Esse ipê me viu doente, viu minha filha indo embora, viu meu neto nascer. Ele não é calçado nem obstáculo. Ele é raiz de mim.

Os homens disseram que iam “ver com o setor”, mas todo mundo ali já sabia: decisão tomada. Dias depois, voltaram com motosserras. Viviane nem saiu na porta. O ipê foi cortado em poucas horas. Sem cerimônia. Sem despedida.

A rua ficou mais quente. Mas dura. Até o canto dos passarinhos parecia ter ido embora com os galhos.

Viviane foi murchando, como flor esquecida num copo d’água. Passava os dias na janela, olhando o lugar onde antes havia sombra. Quando de novo ficou doente, pediu uma coisa só: “Deixa a janela aberta. Quero ver se ele volta.”

Quando partiu, sua neta encontrou um bilhete simples, escrito num papel de pão:

“Se algum dia nascer uma flor ali de novo, é porque eu não fui embora de verdade.”

Meses depois, entre as rachaduras da calçada mal consertada, nasceu uma muda tímida. Poucos notaram. Mas as crianças, que nunca conheceram Viviane, passaram a brincar ali. Diziam que aquele cantinho tinha sorte.

No setembro seguinte, uma única flor amarela desabrochou.

Só uma.

Bem alta.

Como um sussurro da terra dizendo:
Ainda tô aqui!

Nome: **João Lucas Maura Batista**Professora orientadora: **Rita de Cássia Freire Borges**

C. E. São Francisco de Paula/Norte Fluminense



O verão não é mais o mesmo

Na comunidade de Cantagalo, onde as casas coloridas se amontoavam na encosta, como peças de um dominó prestes a cair, morava Dona Aurora. Seus olhos, antes azuis como o mar de Ipanema que se via lá de cima, agora refletiam a poeira e a névoa seca que cobriam o Rio de Janeiro. Aos 80 anos, Aurora era uma sentinela do tempo, testemunha das transformações de uma cidade que, antes vibrante, agora sufocava sob o peso de um calor anômalo e incessante.

O verão de 2025 não era mais estação, mas uma condenação. O ar rarefeito, denso de fuligem e exaustão, castigava os pulmões já fragilizados da anciã. Ela se lembrava dos tempos em que as chuvas eram bênção, não ameaça. Agora, cada nuvem no céu cinzento era um prenúncio de tragédia. Em janeiro, a encosta, já fragilizada pelo desmatamento silencioso, cedera. A lama, um rio de concreto e lixo, engoliu casas, memórias e sonhos, poupando a sua por um milagre que ela atribuía a Deus.

Seu neto, Léo, de 12 anos, com a pele bronzeada pelo sol inclemente, tossia sem parar. As crises de asma de Léo eram um grito silen-

cioso da natureza adoecida. A farmácia mais próxima ficava na base do morro, e cada ida era uma provação. Dona Aurora via o futuro de Léo derreter como as calotas polares das notícias, um futuro incerto, sem as árvores que, um dia, adornaram o morro e refrescavam o ar.

“Vovó, por que o céu está sempre cinza?”, perguntou Léo, os olhos mareados pela irritação.

Aurora tocou o rosto febril do neto. “É a fumaça, meu filho. De tudo o que a gente tira da terra sem pedir licença.”

Ela pensava nos rios poluídos, nos mangues sufocados pelo lixo. No contraste gritante entre a orla exuberante e a realidade das favelas, onde o saneamento básico era um luxo e a água potável, uma miragem em dias de seca. A justiça climática não era um conceito para Aurora, mas a dura realidade de quem sentia na pele a conta de um progresso que nunca lhe pertenceu.

Um fim de tarde, o calor atingiu o ápice. Léo desmaiou. Em desespero, Aurora clamou por ajuda. Foi quando Mariana, a nova vizinha, enfermeira e ativista ambiental, surgiu. Com uma garrafa de água fresca e um lenço úmido, ela trouxe alívio imediato. Mariana falava sobre hortas comunitárias e reflorestamento, sobre como a própria comunidade poderia curar suas feridas.

Naquela noite, Léo dormiu mais tranquilo, embalado pela brisa que Mariana ajudou a criar com um pequeno ventilador a pilha. Aurora, sentada na varanda, observava as luzes da cidade cintilarem no vale. Eram as luzes que representavam a outra face da humanidade, aquela que consumia e não via. Mas a luz que importava estava ali, no cuidado de Mariana, na fragilidade de Léo, na sua própria resistência.

E, embora o ar continuasse denso e o futuro incerto, Dona Aurora sentiu um novo broto de esperança. A natureza, ferida, ainda falava. E a humanidade, em sua diversidade e resiliência, começava a ouvir, a agir. A luta era longa, mas no coração de Cantagalo, a semente da mudança começava a germinar, regada pela solidariedade e pela urgência de um novo tempo.

Nome: **Winglevy Vitória Guilherme dos Santos**Professor orientador: **Diego Santos Soares**

C. E. José Veríssimo/Serrana I



O último jardim

Numa cidade grande e cinzenta, onde o céu parecia feito de nuvem engarrafada, morava Amora, uma menina de olhos curiosos e coração barulhento. Ali, os passarinhos já não cantavam. Os ventos não tinham cheiro. E as árvores... bom, as árvores eram apenas desenhos nas embalagens de comida.

A vida era toda dentro das telas. Até as flores só existiam nos aplicativos.

Mas Amora... Amora sentia que algo estava faltando. Algo que nenhum botão poderia trazer de volta.

Certa tarde, enquanto brincava de esconde-esconde sozinha (porque ninguém mais tinha tempo para brincar), Amora descobriu uma portinha escondida no porão do prédio. Era pequena, enferrujada, com uma maçaneta torta, quase como se tivesse sido esquecida pelo tempo.

Ela girou devagar. Creeeeeek.

Um vento diferente soprou dali de dentro. Era leve e cheirava a... vida.

Do outro lado da porta, o mundo era outro.

Um jardim escondido, dormindo em silêncio. O chão era de terra de verdade! Havia folhas caídas, galhos tímidos e até um musguinho risonho entre as pedras. E, no meio de tudo, uma árvore alta, meio torta, mas muito digna, abraçando um raio de sol que descia de uma janelinha no teto.

Amora ficou tão parada que até uma joaninha pousou no seu nariz.

Ela sorriu. Era como ouvir uma música antiga, que ela nunca aprendeu, mas já sabia de cor.

Todos os dias, depois daquilo, Amora voltava.

Levava água em copinhos escondidos. Soprava carinho nas folhas.

Conversava com a árvore:

— Oi, Dona Árvore. Eu trouxe luz com os meus olhos, serve?

Ela se deitava na grama, inventava nomes para os insetos e lia histórias em voz alta, para as flores escutarem.

E, um dia, encontrou um bilhete amarrado no galho mais baixo: “Se você sente, é porque ainda há esperança.”

Na manhã seguinte, um senhor apareceu, regando as plantas com um regador colorido e um sorriso de avô.

— Você achou o meu segredo. — disse ele, com olhos de semente antiga.

— É o lugar mais bonito do mundo. — respondeu Amora, com voz de abraço.

Ele era um botânico. O último da cidade. E aquele jardim, disse ele, era como uma carta de amor que a Terra havia deixado escondida.

— A natureza não foi embora. — explicou o velho.

— Ela só está esperando que alguém volte a escutá-la.

Então, Amora aprendeu a plantar. Aprendeu a esperar o tempo das coisas que crescem devagar. Aprendeu que o silêncio das árvores é cheio de palavras.

E aprendeu que a esperança... brota.

Ela levou outras crianças. Umas traziam sementes, outras traziam histórias. Algumas vinham só para ficar perto do verde, que fazia cócegas no coração.

O jardim cresceu.

O velho, um dia, não voltou. Mas deixou um caderno. Na primeira página, escreveu: “Cuidem da vida porque ela sabe como voltar.”

Amora chorou. Mas as flores ao seu redor floriram juntas, como se abraçassem o vazio com perfume.

Os anos passaram. O jardim virou floresta. Amora virou guardiã. E naquela cidade que antes era toda cinza, começaram a nascer matinhos nas calçadas, flores nos telhados, passarinhos nas sacadas. A humanidade, enfim, se lembrava.

Porque uma menina abriu uma porta.

E porque uma árvore... esperou.

Fim...

Mas todo fim é o começo de uma semente.

Nome: **Lorayne Ketelheem Carvalho Vieira**

Professora orientadora: **Janáína Freitas Fernandes Azevedo**

C. E. Lourença Guimarães/Noroeste Fluminense



O grande carvalho

No coração de uma cidade cinzenta, onde os prédios tocavam o céu e o vento era filtrado por turbinas, havia uma pequena praça esquecida. Nela, resistia solitário o último carvalho da região. Um gigante cansado, de galhos retorcidos e raízes profundas.

Ninguém sabia seu nome, mas os idosos diziam que ele era mais antigo que a cidade. As crianças o ignoravam, os adultos o viam como obstáculo à construção de um novo estacionamento. Exceto Clara. Ah, Clara. Uma jovem bióloga recém-formada, que passava por ali todos os dias. Ela sentia algo diferente ao ver o velho carvalho. Havia nele uma presença silenciosa, uma história sem palavras.

Certa tarde, ao encostar a mão em seu tronco, Clara ouviu um som suave, quase como um sussurro.

- Escute, disse uma voz em sua mente.

Surpresa, ela recuou para tentar entender, mas o som parou. Curiosa, voltou no dia seguinte, e no outro dia, até que, finalmente, o carvalho lhe contou tudo. Ele falou de tempos antigos, quando crianças corriam descalças pela terra, e as estações eram percebidas pelo perfume

do ar, não pelo calendário do celular. Ele lamentou sobre animais que sumiram dos rios canalizados e do solo sufocado pelo concreto.

- Por que me diz tudo isso? Perguntou Clara.
- Porque você escuta. Respondeu o carvalho.
- E ainda dá tempo.

A partir daquele dia, Clara iniciou um movimento. Não era um protesto com megafones, mas uma revolução silenciosa. Começou plantando pequenas mudas ao redor da praça, em seguida, chamou os vizinhos e aos poucos, surgiram bancos de madeira, canteiros de flores e até uma horta comunitária. Crianças começaram a brincar por ali e adultos voltaram a sorrir ao ver as folhas dançando com o vento.

Anos se passaram e o carvalho continuava ali, mais forte do que nunca! Agora, cercado por novos irmãos. A praça transformou-se em um símbolo de algo maior. A natureza não precisa ser afastada para o progresso existir. Ela pode caminhar ao lado.

E a Clara? Ela tornou-se guardiã daquilo tudo e dizia que era apenas uma mensageira.

- O velho carvalho me contou uma história. E eu só passei adiante. A natureza não nos pertence. Nós pertencemos a ela!

Nome: **Jeferson Alves Soares**Professora orientadora: **Etienne da Silva Pereira dos Santos**

C. E. Pernambuco / Metropolitana III



Um pacto esquecido

Por milhares de anos, a gente caminha lado a lado com a natureza. Das cavernas até as cidades cada vez mais modernas, sempre foi o solo bom, água limpa e o ar fresco que sustentaram nossa vida. Mas, ao longo do caminho, algo se perdeu: o respeito. Esquecemos a terra não é só pra gente mandar e desrespeitar, mas que somos uma parte dela. A crise climática mostra o que acontece quando essa conexão se quebra. O planeta fica quietinho, mas dá sinais: geleiras derretem, os oceanos avançam e as florestas desaparecem.

O calor fica insuportável, os rios secam, e mesmo assim, muitos insistem em fechar os olhos pros limites do planeta. O Dióxido de Carbono não tem rosto, mas dá pra ver as consequências: Cheias que arrasam tudo, seca que mata de sede, e quem paga o pato é na maioria das vezes, quem tem menos condições. A justiça climática não é só um papo técnico, ela é uma maneira de falar que todo mundo precisa ser tratado por igualdade. Enquanto alguns continuam ganhando dinheiro com a destruição, outros morrem por falta de infraestrutura para se proteger. A natureza cobra e que não aceita desconto, ela justa.

Ainda dá tempo de mudar as coisas. Recomeçar é possível. Cada árvore plantada é uma esperança nova. Cada ação mais consciente, um passo para o futuro, ensinar mais gente sobre o meio ambiente nas escolas, cuidar do consumo em casa e fazer política mais verde, fazer uma política mais verdadeira, tudo isso ajuda a transformar. a conexão entre a gente e a natureza precisa sair do papo e virar prática, é hora de ouvir o vento, respeitar a chuva e valorizar o sol, não é só salvar o planeta ele vai dar um jeito de sobreviver, mas a gente precisa ser salvo também.

Nome: **Luiza Cesário Teixeira**Professor orientador: **Rodrigo Ignacio dos Santos**

C. E. Professora Maria Izabel do Couto Brandão / Metropolitana IV



A busca por um lar

Certa vez, em uma floresta verdejante, havia três manchas marrons: uma família de capivaras — a mãe, o pai e um filhotinho. Viviam em paz, com uma rotina tranquila. Pela manhã, banhavam-se no rio próximo; quando sentiam fome, alimentavam-se de folhas e frutas frescas; e, ao entardecer, aqueciam-se sob o calor reconfortante do sol. Mas, naquele dia, o céu se escureceu antes do pôr do sol. Uma brisa quente e amarga, com um odor forte e sufocante, invadiu o ar antes puro. As chamas avançavam pela mata, rugindo de forma incontrolável, devastando tudo com crueldade. Em pânico, a pequena família correu sem parar. O peito da família se apertou de tristeza ao ver seu querido lar virar cinzas.

Por dias, seguiram rio abaixo. As patas machucadas, os estômagos vazios. Quando enfim encontraram abrigo, tudo parecia estranho. No lugar do canto melodioso dos pássaros, ouvia-se o ruído estridente dos carros. O caloroso e sutil brilho do sol fora trocado pelas frias e opacas luzes dos prédios e faróis. O ar era pesado, quase irrespirável. Era uma “floresta” de concreto.

Apesar do medo que os angustiava, decidiram ficar. Ao anoitecer, o estômago roncava, mas já não havia frutas nem folhas por perto — apenas um arbusto seco do outro lado da perigosa estrada. Um último traço de vida em meio àquela aridez. Após a pequena, quase nula refeição, adormeceram. Na manhã seguinte, despertaram com uma certeza dolorosa: precisavam seguir em busca de um lar onde ainda houvesse vida e esperança. Andaram muito, as patas cada vez mais pesadas e os corações cada vez mais desesperançosos, até encontrarem outra “floresta”. Mas esta era um cemitério repleto dos fantasmas das árvores que um dia ali viveram. Frustrados e com o coração apertado, seguiram adiante, até depararem-se com um vale devastado, marcado por escavadeiras e buracos profundos como feridas abertas na terra.

Cansados e quase sem esperança, continuaram a jornada. Foi então que avistaram uma nova “floresta”: verde, bonita..., porém estranhamente silenciosa. Sem o canto dos pássaros, sem a algazarra dos outros animais, sem a vida pulsante que conheciam. Havia abundância de comida — um milharal perfeitamente alinhado, montes de feno em cubos simétricos, cercas bem cuidadas. Parecia confortável, quase um sonho. Apesar da desconfiança, decidiram ficar. Mas, naquela mesma noite, enquanto dormiam pela primeira vez em paz, passos furtivos se aproximaram. Em seguida, três tiros quebraram o silêncio. E, ao longe, ecoou a risada de um fazendeiro.

Foi assim que terminou a jornada da pequena família de capivaras. Não com um reencontro do lar, mas com o silêncio definitivo de quem nunca mais voltaria a sonhar.

Nome: **Rayra Souza Mourão**Professora orientadora: **Etiene da Silva Pereira dos Anjos**

C.E. Pernambuco / Metropolitana III



Repensando suas atitudes

Quando muitas das vezes não paramos para pensar em como o mundo é poluído pelas pessoas que na maioria parte para não se importar ou acha que é apenas mais um caso que não vai dar em nada sendo que a natureza sempre precisa de uma mãozinha. A Humanidade na maioria das vezes utiliza a natureza como meio de consumo, como assim meio de consumo? Para fabricar produtos e vender na indústria, mas também acabam causando muitos desequilíbrios ao meio ambiente como o desmatamento florestal entre outros casos nos jornais. Algumas pessoas sempre para repensar nessas atitudes e outra apenas esquecem a existência dessas situações rolando para um vídeo acima, mas isso pode causar um impacto à sociedade. Como não temos mais ar natural da própria natureza e mantendo esse equilíbrio busca o bem-estar de ambos os lados e sempre em busca de um futuro de paz e qualidade. Em resumo, a relação entre a sociedade e natureza é a fonte de vida para dois lados e ambos não sobrevivem sem o outro, estão ligados eternamente sobre o impacto da sociedade da natureza e em busca de soluções sustentáveis são necessários para garantir um futuro equilibrado para o planeta e o meio ambiente.

Imagem de autoria
de Maytê Lopes de
Sá, Lucas de Moraes
Velez e Shakyra de
Oliveira Martins
da Conceição.

Ela foi originalmente
produzida no âmbito
do concurso interno
promovido pelo curso
de Design Gráfico
do SENAI do Rio
de Janeiro para o
Prêmio Rio
de Letras 2025.



Uma das maiores e mais necessárias vozes do Brasil. Líder indígena, ambientalista e pensador brilhante, Krenak emerge da tradição de seu povo para oferecer uma crítica poderosa ao que chama de "sono da civilização". Sua vida e sua obra são um convite urgente para reconectarmos com a Terra e imaginarmos um novo futuro.



Crônica



crônica é um tipo de texto muito comum na literatura brasileira. Ela surgiu a partir de relatos históricos e notícias de jornal, mas com o tempo virou uma forma de arte que mistura

literatura, jornalismo e reflexões sobre o dia a dia. Esse gênero tem uma característica especial: consegue transformar situações simples do cotidiano em histórias interessantes, com humor, crítica e emoção. A crônica ajuda o leitor a pensar sobre o mundo ao seu redor de forma leve e envolvente.

No ambiente escolar, a crônica é muito usada para melhorar a leitura e a escrita dos alunos. Como ela tem uma linguagem mais próxima da nossa realidade, é mais fácil de entender e escrever. Isso ajuda os estudantes a desenvolverem suas ideias e a se expressarem melhor. Além disso, a crônica é um espaço de liberdade. Os autores podem falar sobre política, sociedade, cultura e até sentimentos, usando fatos do dia a dia como ponto de partida. Por isso, ela é considerada um gênero democrático, que conversa com todo tipo de público.

Outro ponto importante é que a crônica ajuda a preservar a memória cultural. Ao contar histórias simples, ela registra momentos da vida e contribui para a construção da identidade de um povo. Como explica Mikhail Bakhtin, a crônica funciona como uma “memória criativa” da cultura. Ele também fala sobre o dialogismo, que é a ideia de que todo texto conversa com outros textos e com o leitor. Isso mostra como a crônica está sempre em diálogo com a sociedade e com quem a lê.

Em sua aula para o projeto Rio de Letras, o acadêmico da ABL, Ruy Castro, observa que a crônica constitui um território discursivo singular, no qual o autor desfruta de ampla liberdade para emitir juízos sobre qualquer temática ou, alternativamente, abordar assuntos diversos sem necessariamente se comprometer com uma posição opinativa. Trata-se de um espaço textual marcado pela fluidez e pela versatilidade, cuja exigência fundamental reside na capacidade de conferir ao conteúdo uma tessitura envolvente e significativa, capaz de proporcionar ao leitor.

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Eloá Rodrigues de Carvalho**Professora orientadora: **Roberta Campos de Carvalho**

Escola Firjan SESI Barra Mansa



Último abril

Abro os olhos. A brisa suave da manhã invade o quarto, balançando as cortinas e acariciando minhas bochechas. O sol fraco que entra pela janela ilumina meu rosto; ouço o farfalhar das árvores do lado de fora, enquanto a melodia alegre e selvagem dos pássaros é audível. Olho para o relógio na cabeceira: sábado, 12 de abril de 2025, 8:55 AM.

Levanto-me apressada, quase não consigo me desvencilhar das cobertas a tempo de apoiar os pés no chão para não cair. Com passos desengonçados, vou até o rádio na escrivaninha e ligo em uma estação aleatória, apenas para ouvir “Eleanor Rigby”, dos Beatles, soar e preencher meus ouvidos. “O que tá rolando?” É tudo o que minha mente consegue formular em meio a um turbilhão de pensamentos indo pra lá e pra cá, como carros em uma rodovia, prestes a causarem um acidente. Hesitante, caminho até a janela, toco o tecido fino das cortinas e então as empurro para os lados. Vida. O que eu vejo é vida: árvores, folhas rodopiando pelo ar, o céu azul, o sol brilhando, as nuvens brancas formando diversas formas e tamanhos, pássaros cantando alegremente. Assustador. Deslumbrante. Respiro o ar puro. Inspiro,

expiro. De novo, de novo e de novo.

Concentro-me no momento; ouço a música do rádio estabelecer um ritmo juntamente às batidas do meu coração, à minha respiração, ao sangue circulando pelas minhas veias, à vida que existe em mim. Eu sorrio. Depois de tanto tempo chorando, eu sorrio.

Por um momento, eu estava feliz; a felicidade parecia natural. Pela primeira vez, eu podia agradecer genuinamente por estar viva em um mundo onde eu quero estar viva. A gratidão não era mais uma regra; era inevitável.

Mas então, inesperadamente, um cheiro familiar de queimado sobe às minhas narinas. Eu pisco algumas vezes e volto a focar no mundo à minha frente. Fogo. As árvores estão queimando; os pássaros estão fugindo; o céu se encontra em uma mistura de cinza, preto e vermelho. Não percebo que estou chorando até sentir uma lágrima escorrendo pela minha bochecha.

Abro os olhos, dessa vez de verdade. Aquele sonho de novo. Verifico minha máscara de oxigênio; preciso me lembrar de trocar o cilindro mais tarde. Não há pássaros, muito menos árvores; nenhuma música sai do rádio dessa vez. Olho para o relógio, ainda na cabeceira: terça-feira, 8 de junho de 2527, 10:55 AM.

Levanto-me com calma; vou até a janela e, nervosa, abro as cortinas. Morte. Quase não existem árvores; as que estão presentes estão secas, mortas. O céu é poluído — poluído por nós mesmos. A terra está rachada; o solo é pobre e tudo lá fora é um caos. Suspiro profundamente diante de minha realidade: um palco onde a tristeza e a nostalgia dançam sem música em perfeita harmonia.

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Samuel França Dantas Viana**Professora orientadora: **Roseilane Maria Eller**

Escola Firjan SESI Volta Redonda



O aroma de Gérberas

Lembro da minha avó me contando sobre o significado das flores no centro da cidade. O aroma, mesmo leve, ficava nas minhas roupas e no meu cabelo. Aquilo nunca saiu do meu coração, embora nem sempre viesse à memória. Recordo das rosas brancas, dos girassóis, das margaridas e, ah... das gérberas. Vovó tinha as gérberas como suas favoritas, que acabaram se tornando também as minhas prediletas. Suas cores fortes e o formato único traziam vida ao centro da cidade que, mesmo sujo, ainda pulsava. Eu via minha vó regando as gérberas, e sua falta de aroma me intrigava. Pensava que flores com tantos significados, e nenhum deles negativo, deveriam ter um cheiro que refletisse isso. Mas minha avó dizia que era uma metáfora: o mais belo não precisava ter cheiro para sabermos que era bom.

Na vida adulta, as flores se tornaram menos presentes, mas eu ainda cultivava gérberas. Suas cores traziam alegria ao ambiente e me faziam lembrar da minha avó — e de como o tempo passa rápido. Mas me doía ver o canteiro de flores que minha avó tanto cuidava sendo substituído por tijolos e concreto. E bem... o cheiro que me fazia sentir

confortável foi trocado por fumaça, que me fazia tossir. As flores que eu tive o prazer de ver na cidade não eram mais vistas — pelo menos, não fisicamente. Muros de tijolos passaram a ter flores desenhadas, mas nunca foi a mesma coisa. Penso que todos os anos de dedicação da minha avó foram apagados sem motivo aparente. Ainda penso na metáfora dela, mas não consigo achar beleza nesses muros, em que uma história foi destruída e substituída por paredões sem significado.

Talvez tudo aquilo que eu sentia ao ver aquelas flores fosse, na verdade, uma admiração pela minha avó e pelo modo como ela se esforçava em cuidar de algo que um dia iria passar. Hoje em dia, só restam um aroma nada agradável e um desejo profundo de voltar a sentir a leveza das flores do centro.

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Luiza Sardou Simas**Professora orientadora: **Flavia Raposo Rodrigues**

Escola Firjan SESI Nova Friburgo



Parte dele era a finitude

Em um dia comum, um homem acordou e descobriu que havia virado árvore. Sentiu-se estranho, não poderia se mover, postar nas redes sociais, fazer fofoca ou reclamar da vida alheia. Suas pernas haviam se transformado em raízes fincadas no chão com firmeza. Agora, os seus braços eram galhos longos.

O primeiro pensamento foi “Meu Deus, não irei conseguir assistir ‘TikToks’ assim!” E o segundo “Será que ainda terei que pagar pelo meu plano de internet?” Logo, percebeu que os seus olhos tinham se transformado em folhas, e sua pele em casca. Não sentia fome, não sentia dor e nem ansiedade. Era...silêncio, sem barulhos de trânsito, obras ou sequer notificações. Silêncio real.

Com o tempo, o homem começou a ouvir sons que nunca havia reparado antes, o canto do sabiá, o sussurro do vento, o zumbido da abelha. Viu crianças brincando sob seus galhos e uma senhora encostando-se na árvore para descansar suas pernas. Para sua surpresa, pela primeira vez na vida, ele sentiu que tinha utilidade sem precisar produzir nada.

No entanto, a vida não é um morango, e logo, vieram os homens com coletes laranjas e serras. Disseram que a área iria virar um estacionamento. “Não se preocupem” comentou um deles, “vamos replantar outras três árvores em outro bairro”. O ex-humano quis gritar e protestar. Mas era árvore. E tudo o que pôde fazer foi derrubar uma folha em formato de lágrima.

Antes do corte, pensou que, se pudesse voltar a ser humano, faria tudo diferente. Plantaria árvores. Respeitaria o silêncio. Desligaria o celular de vez em quando. Mas não teve volta. A motosserra zuniu. Ainda, no instante final, teve um último pensamento:

— Ao menos, pela primeira vez, fui parte da natureza. E ela foi parte de mim.

Firjan SESI

2ª série de Ensino Médio

Nome: **Alyce Silva Bardela**Professora orientadora: **Roberta Martins Pinheiro**

Escola Firjan SESI Macaé



A última mangueira da Rua 12

Na Rua 12, existia uma mangueira. Alta, antiga, majestosa. Dela pendiam frutos doces e lembranças inteiras. As crianças subiam em seus galhos com a coragem que só a infância permite. Os mais velhos se sentavam sob sua sombra para conversar, lembrar ou simplesmente existir.

Aquela árvore era um personagem da rua, talvez o mais sábio. Não precisava falar. Era presença.

Mas o tempo mudou. Um projeto urbano chegou com promessas de progresso e modernidade, a tal da felicidade. Asfalto novo, postes altos, loja de conveniência. E, no meio do caminho, a mangueira.

Ninguém se opôs. Alguns suspiraram, outros abaixaram os olhos. A árvore tombou num dia abafado de dezembro. Não houve protestos, nem despedidas.

No verão seguinte, o calor se tornou insuportável. A sombra fez falta, mas era tarde. A loja vende sorvetes, mas não vende a memória do vento fresco.

Anos depois, voltei à Rua 12. O chão era todo cimento e carros. Mas entre rachaduras na calçada, um brotinho verde insistia em nascer. Um menino se aproximou, garrafinha na mão, e despejou água sobre a pequena vida.

Perguntei o que ele fazia. Ele respondeu: “Meu avô falou que aqui tinha uma árvore gigante. Quero ver se volta.”

Sorri. Talvez ainda exista espaço para raízes. Talvez não seja tarde para plantar de novo o que deixamos morrer.

Firjan SESI

2ª série de Ensino Médio

Nome: **Leticia Vasques Peixoto de Lima**Professora orientadora: **Rosana da Silva Berg**

Escola Firjan SESI Laranjeiras



Alma clemente

É a órbita 2088. Na verdade, isso se contarmos a partir do nascimento de alguém que meus filhos consideram importante.

Não me arrependo de nada, contudo me pergunto como as coisas foram parar assim.

Confusa me vem à memória do instante em que minh'alma acordou. No princípio, nem tudo era estável, pelo contrário, a existência ardia em chamas impetuosas. Permiti que o fluxo eterno executasse seu trabalho, e ele, como sempre, fora muito gentil comigo. Moldou cuidadosamente meus picos, entregou vida aos vales, correu dentre minhas matas rios como lágrimas felizes.

Oriunda de solidão, zelo e massa espacial, a vida então emerge. Pequenos seres, irrelevantes se cotejados aos enormes que outrora caminharam aqui, contudo se mostraram cada vez mais singulares. Moldados do pó que um dia cobriu minha pele, aquecidos pelo mesmo fogo que queima em minha essência. Desenvolveram seu intrínseco, tornaram-se conscientes, cresceram paralelamente ao meu apego, minha mais prima criação.

Amei-os antes mesmo que pudessem me nomear. Contemplei, em silêncio, enquanto inventavam o tempo, os mitos, os deuses. Entreguei sombra, morada, recursos. Ensinei, pacientemente, o ritmo das marés, o uivo dos ventos, o tingir dos frutos. Sorri quando me agradeceram as colheitas, chorei quando esqueceram de olhar para o céu. Cada pegada de meus filhos ressoava alegremente em minha pele como um compasso eterno.

Ainda assim, esvaiu-se logo deles o afeto, assumindo lugar, como quem jamais houvesse amado, o anseio de posse. A ambição que obscurece a razão passou a me observar como recurso, um lar pretérito. Autodenominaram-se vida inteligente. Racionais, disseram. E, ainda falam que as coisas melhoraram. Procuraram um motivo vivo, mas ninguém sabe dizer. Não são eles os culpados dessa consequência?

Cavaram minhas entranhas, prostraram meus cumes, revestiram meus leitos de cimento. Negar-me é negar-se. E ainda assim, o fazem. Indagam por que me revolto, por que tremo, por que ardo, por que choro? Não é castigo, é dor. Porque o fruto do meu ventre foi o princípio da minha ruína. Porque, muitas vezes, seus pés correm para o mal e se apressam em derramar sangue. Se emboscam contra o que corre em suas veias, sua própria vida espreitam.

Apesar de tão velha quanto o que se permite observar, minha essência, porém, a cada órbita resiste, renova-se. Mandeí sinais: vendavais anacrônicos, mares revoltos, florestas gritando em chamadas. Passa um tempo, como um tempo atrás, fogo com maresia. Nominaram tragédia o que era aviso, ignoraram meus sussurros, depois meus gritos.

É 2088, até o presente suspiro, doo-me com ternura, cada alvorecer é um gesto esperançoso. Dou ao horizonte cores novas, envio flores nas primaveras, como se em cada uma houvesse uma confissão de amor. Talvez, um dia, percebam, embora ensurdecidos para minha voz.

Firjan SESI

2ª série de Ensino Médio

Nome: **Gabriele de Azevedo Freitas**Professora orientadora: **Ana Carolina Serpa Alexandre**

Escola Firjan SESI Três Rios

**Falta ar**

Toda vez que acordo, me deparo com o mesmo desejo: respirar ar. Na verdade, é algo muito simples, vital, mas anseio por um ar puro. Hoje, ao me levantar, tenho certeza de que vou encontrá-lo.

Preparo meu café e abro a janela, na esperança de sentir uma brisa agradável. Mas o que sinto é cheiro de queimado. Logo, suponho que minha vizinha tenha colocado fogo no lixo novamente. Algo rotineiro para ela.

Fecho a janela, agoniado, tossindo, e decido sair de casa à procura de um ar limpo.

Assim que saio, corro para não perder o ônibus. Por sorte, chego a tempo. Está tão cheio que preciso ficar em pé. Reparo que ali, definitivamente, não encontraria o ar que desejava.

Atordoado e comprimido pelas pessoas ao meu redor, observo, de longe, um homem sentado, fumando, com uma placa bem na frente dele indicando que é proibido fumar dentro do ônibus. Que ironia! Ele ignora completamente a mensagem, deixando todo o transporte com mau cheiro. É perceptível o incômodo das pessoas.

Reflico por um momento: o ser humano normaliza os maus costumes, transformando atitudes prejudiciais — tanto para nós quanto para o meio ambiente — em algo comum.

Assim que desço do ônibus, sinto um grande alívio ao respirar. Mas ele dura pouco. Logo, um perfume forte invade o ar. Outro cheiro se mistura a ele, e fica difícil distinguir o que, de fato, estou sentindo. Caminho pela rua com o peito cheio de determinação. E de poluição, aparentemente.

Os sons altos me incomodam: buzinas, músicas, anúncios, vozes — tudo abafando o silêncio que um ambiente com ar puro deveria ter.

Incomodado, decido sentar em um banco da praça, ao lado do rio que corta a cidade.

Uma jovem se aproxima, com um sorriso no rosto e muita educação, pedindo para se sentar ao meu lado.

Retribuo o sorriso e deixo que ela se sente. Noto que está cheia de sacolas e carrega algumas garrafas com óleo velho. Penso no que ela irá fazer com aquilo.

Ela olha para mim e comenta que precisa descartar aquele óleo. Em seguida, se levanta, pega uma das garrafas e joga o conteúdo no rio.

Fico sem palavras, perplexo com a naturalidade com que ela trata a situação. Pego as garrafas que ela ainda não jogou e digo que irei descartá-las de forma correta, sem poluir o meio ambiente.

Percebendo meu incômodo, ela pergunta:

— Qual diferença faz eu descartar esses óleos da forma certa? Dá muito trabalho e ninguém liga pra isso — retruca.

— Sua pequena atitude é capaz de mudar muita coisa. Você, como uma mulher jovem, deveria se conscientizar e perceber o estrago que seu comportamento pode causar. Vai servir de exemplo para as gerações futuras — digo a ela, esperando que reflita. Dessa vez, ela não fala nada. Fico muito preocupado depois de presenciar aquela situação — sinto um mal-estar. Imagino quantas pessoas fazem isso pelo mundo afora, aumentando cada vez mais a poluição.

Saio irritado e penso na cena.

Então, vejo de longe um homem bem vestido, cercado por algumas pessoas. Me aproximo para ver o que está acontecendo. Percebo que ele faz um discurso sobre as mudanças climáticas. Interessado, me aproximo ainda mais para escutar sua manifestação.

— Isso é culpa exclusivamente do governo, minha gente! — diz ele, exaltado. — O governo não faz o mínimo para evitar essa crise!

Muitas pessoas ao redor concordam e sussurram com convicção. Mas eu, em pensamento, discordo. Reconheço que nós, humanos, sempre buscamos algo ou alguém para culpar, quando, na verdade, somos nós mesmos que ignoramos as pequenas atitudes — como as que vivi hoje — capazes de evitar um grande colapso ambiental.

Escuto notícias, informações sobre poluição, novo recorde de desmatamento, novas leis aprovadas que legalizam ações prejudiciais ao meio ambiente...tudo se mistura, me deixando sufocado e sem ar. Parece que as pessoas ao meu redor não ligam, não escutam, ignoram e banalizam todas as evidências de que estamos destruindo o planeta.

Com tudo isso em mente, ando sem rumo, desesperado, ofegante... e sem ar. Acabo parando em frente a uma lanchonete.

Uma garçonete sai e pergunta:

— Deseja alguma coisa?

Agoniado, respondo:

— Um pouco de ar, por favor.

Firjan SESI

3ª série de Ensino Médio

Nome: **Nayobe Grazielly Machado Domingos**Professora orientadora: **Ana Paula Rodrigues de Paula**

Escola Firjan SESI Barra do Pirai



Meu dilema (a)moral

Sempre resolvo tudo com facilidade, aprendo rápido, desperto olhares e dinheiro nunca é problema; mas claro, nunca ostento. Eu trabalho na PROX e, honestamente, estou no meu auge.

Havia uma mulher na empresa, uma tal de Maria Pérola. Vivia com o semblante cansado e cabisbaixo. Parecia haver sempre um peso sobre seus ombros.

Descobri que ela tinha um marido acamado e um filho de cinco anos. Vida complexa. Não sabia disso até o dia em que participamos da festa de fim de ano da PROX. Sua história me tocou. Consideravelmente.

Ela morava no Morro do Camarão, favela que fica em uma parte escondida da cidade, local insalubre, de muito lixo – o que, obviamente, prejudicava alguém ou “alguéns”.

Eu tinha repulsa de lugares assim. Certa vez, uma amiga retornou horrorizada de lá por causa de uma valeta de esgoto perto de uma quadra de futebol. Ela teve medo de pegar uma dermatite. Eu a tranquilizei, claro, e lhe disse que esses lugares não eram para pessoas como nós.

Tive boa educação, aprendi a me relacionar e fui bem influenciada. Por isso sou quem sou: batalhei e mereço o que tenho hoje, com toda certeza!

Ouvi no noticiário que algumas comunidades estavam sofrendo com casas desabando, famílias em pânico. Gente infeliz.

Eu cheguei a pensar no que eu poderia fazer para ajudar aquela gente. Pensei muito, mas decidi não fazer nada. Afinal, pessoas como eu não deviam se meter nesses assuntos.

Tudo ia bem, até que num dia comum de trabalho na PROX, fui puxada pelo braço. Num corredor escondido de olhares curiosos, Maria Pérola balbuciou algo sem sentido. Farta, lhe perguntei o que estava acontecendo. Ela me pediu ajuda...

Ah, Maria Pérola... eu odeio quem não sabe resolver seus problemas!

Sua voz tremia mais do que as mãos. Ela precisava do emprego, mas cogitava a ideia insana de denunciar nossa empresa! Com a casa em risco, Maria descobriria que a PROX descartava rejeitos no seu Morro. Mas se ela denunciasse, perderia o trabalho — e como cuidaria da família?

Não entendi por que ela me procurou, mas resolvi lhe aconselhar: “Sinto muito e imagino o quão difícil deva ser, mas só você pode melhorar sua vida. Veja o meu caso: eu sempre batalhei e estou colhendo os frutos do meu esforço. Você vai conseguir também, basta querer!”

Ela me olhou desacreditada. Sem palavras, lágrimas ou súplicas. Apenas olhos que me condenavam.

Logo eu que me dispus a ouvi-la?

Ela saiu e nunca mais foi vista. Ao fim do dia, dirigi pensativa e coagida até minha casa. Lembrava-me de seu rosto a cada instante. Havia algo errado. Pensei em suas palavras. Casas e pessoas morro abaixo. O destino parecia me cobrar como quem exige uma resposta.

Peguei o telefone e liguei para fazer uma denúncia anônima, mas desliguei. Pensei tanto, tanto, tanto sobre o que fazer, que decidi não fazer nada. Baboseira da cabeça. Nada me cobrava.

No fim das contas, era só mais um incômodo passageiro... desses que aprendemos a ignorar.

Firjan SESI

3ª série de Ensino Médio

Nome: **Amanda Oliveira Pimentel**Professora orientadora: **Roberta Campos de Carvalho**

Escola Firjan SESI Barra Mansa



Antiga paisagem

Hoje fui à capital. Ela se ergue em concreto e pressa, uma sinfonia de passos largos cruzando avenidas como rios de gente. Quando era criança, sonhava com seus prédios que tocavam o céu, suas ruas como passagens mágicas. Mas ao chegar, os edifícios mal ousavam desafiar as nuvens, e as ruas... frias, ásperas, apressadas.

Parei. E olhei. Observei rostos que passavam como borrões: expressão ausente, destinos corridos. A cidade vibrava, mas não me incluía. Fui tomado por um vazio discreto, uma sensação de improdutividade que não tinha razão aparente, apenas existia — silenciosa e densa. Percebi então: ali, a natureza era silêncio. Como se tivesse sido apagada com borracha cinza.

As cores? Todas mergulhadas num único tom: o cinza do concreto, dos ternos, das almas apressadas. Sonhos se pareciam, vozes se confundiam, e pensar algo diferente parecia um ato revolucionário. Era difícil enxergar alguém. Ver de verdade.

Alguns dias depois, voltei para casa. Aos poucos, o asfalto polido deu lugar à terra batida. A grandiosidade cedeu ao comum. Mas algo havia mudado.

As árvores agora pareciam gigantes em festa. Suas folhas dançavam com o vento, exibindo cores como se recém-pintadas. A água cantava cristalina. O ar — puro, generoso — soprava segredos. E os rostos? Os mesmos de sempre, mas agora visíveis. Eram pessoas, não multidões. Histórias, não estatísticas.

Foi então que percebi: a paisagem nunca mudou. O que mudou fui eu. Pela primeira vez, enxerguei.

Firjan SESI

3ª série de Ensino Médio

Nome: **Julia Oliveira de Carvalho Ferreira**Professora orientadora: **Flavia Raposo Rodrigues**

Escola Firjan SESI Nova Friburgo



Manual prático de como dominar a natureza (e ser dominado por ela depois)

Era uma vez um homem. E, claro, uma árvore. O homem olhou para a árvore e pensou: “Você ficaria ótima virando uma cômoda.” A árvore não respondeu. Porque árvores, além de sábias, são educadas. Inspirado por essa primeira vitória, o homem seguiu adiante. Desmatou florestas, represou rios, subiu prédios no lugar de montanhas e instalou ar-condicionado onde antes havia brisa. Afinal, para que depender da natureza se ele podia recriá-la com tijolos, plásticos e códigos de barra?

Fez-se senhor da Terra. Plantou soja onde antes nasciam flores, exterminou insetos com produtos de nomes impronunciáveis e chamou isso de “progresso”. A natureza, claro, aplaudia de pé. Ou melhor, tentava se manter de pé, apesar do concreto no tornozelo.

O homem, entusiasmado, inventou a ideia de que ele era superior. Afinal, só ele tinha wi-fi e carteira assinada. O rio? Que se adaptasse. O céu? Que aceitasse a fumaça. O oceano? Que engolissem mais um pouco de plástico e ficasse quieto.

Mas eis que veio o contra-ataque: a natureza, essa ingênua, decidiu

reagir. Enviou enchentes, secas, calor de 50 graus e mosquitos mutantes. O homem chamou isso de “catástrofes naturais”. E não percebeu que o “natural”, no caso, era ele mesmo.

Ainda assim, resiliente como sempre, continuou acreditando que a tecnologia salvaria tudo. Imaginou florestas virtuais, praias com realidade aumentada e um botão de “reset” para o planeta. Tudo menos parar de jogar lixo no chão.

Hoje, o homem vive entre telas, respirando ar-condicionado - literalmente, pois o natural virou lenda urbana - e tomando água filtrada de uma fonte imaginária. Planta árvores em aplicativos e salva o mundo com curtidas. E, claro, posta selfies com a legenda: “conectado com a natureza”.

Enquanto isso, lá fora, a natureza, meio cansada, observa. Apenas espera. Porque ela sabe que, no final, quem vai sobreviver será ela. O homem? Bem, o homem vai virar fóssil. Com sorte, reciclável.

Nome: **Filipe Vargas da Silva**Professora orientadora: **Hilda Braga**

C.E. Evandro João da Silva / DIESP



Sobreviventes

Falamos de ecologia, sistema sustentável; quando o primeiro ser foi criado, havia harmonia na natureza e com a natureza, os rios mantinham seus cursos naturais, com seus leitos intactos. O ciclo perfeito “girava” continuamente, até termos a pachorra de aderir ao capitalismo ferrenho, atroz, voraz, feroz, para ter cada vez mais e sentir cada vez menos.

Passamos por tantos desastres em nossas vidas que psicoadaptamos tão facilmente com os horrores causados por nós mesmos; nós destruímos indiretamente, inconscientemente as vezes conscientemente por valores irrisórios que futuramente não poderão pagar o plano de saúde, os remédios, tratamentos.

Destruímos o que temos de mais importante e lindo, nossa natureza, nossas árvores, flores, nossos animais silvestres. Tanto a flora quanto a fauna, vitais para o planeta têm sucumbido ao poder das cifras. Lençol freático muitos já não sabem o que significa, pois o sistema nos tem manipulado. Temos sido transformados em seres autômatos, levados, guiados pelo capitalismo autodestrutivo, que “corrompe a massa”.

Camada de ozônio ninguém fama mais sobre isso, como se fosse inevitável a destruição, extinção, um ciclo quebrado, em desordem; precisa ser colocado no eixo. A cadeia alimentar, o ciclo da vida, porque precisamos sobreviver!

Planeta água, planeta azul, a maior parte é água, por isso que o vemos tão azul de cima, também poderia ser planeta verde, tamanha vegetação que o planeta contém, planeta vida, pois o verde demonstra que há começo, que há atividade, superação, representando esperança, esperança não só para mim, mas para todos os homens.

Mas, o nosso planeta se chama Terra, a base para nossos pés, para raízes das árvores grandes ou pequenas flores, até os musgos que não damos valores, a terra, o pó compacto, matrix para tantas outras coisas, contendo uma infinitude de minerais, contendo a vida – essência para existência.

O que fazer para sobreviver nesse sofrer? Não vou esmorecer, não vou ser apenas um entre a humanidade, mas vou ser parte da humanidade, sendo de fato um ser humano que defende seus pares, similares; como não ser assim se sou homem? Se sou terráqueo? Se sou parte de tudo e de todos? Não somos apenas um aqui nesse belo planeta. Somos muitos, somos os herdeiros desse magnífico planeta, com essa natureza.

Com esse planeta chamado Terra.

Nome: **Kassiele Sofia Motta Fonseca**Professora orientadora: **Renata de Souza Costa**

C. E. Desembargador José Augusto Coelho da Rocha Junior/Baixadas Litorâneas



Em comunhão com o mar

O mar que contemplava pela manhã, na Praia do Forte, em Cabo Frio, despertava muitas emoções... neste lugar ancestral, vivia a comunhão com meus familiares, era acolhida pela D.Síntia, que mora na Espanha, e quando vem me visitar, viajamos para ver o mar num tempo especial. Observava as ondas quebrando na areia e corria livremente com a D. Síntia, meu tio Adam, minha mãe Gisele, meu irmão Davi, meu pai Cassiano, doces momentos em minha memória. O mar tinha cheiro de vida.

Parecia apreciar a pintura “Paisagem”, de Júlio Capela, onde a beleza se dá no contraste do azul do céu e o mistério do mar, o dourado da areia quando o sol reflete, e o colorido do guarda-sol despertando a alegria que em mim floresce...a humanidade e a natureza em perfeita harmonia...o mar como refúgio para a imersão em meus pensamentos. Em comunhão com o mar refletia como a vida marinha desempenha um papel essencial no equilíbrio ecológico do planeta Terra, os oceanos cobrem cerca de 70% da superfície terrestre, responsáveis por regular o clima, fornecem o oxigênio e servem como habitat para

milhões de espécies. Diante da beleza pensava em como explicar que a atividade humana cause a devastação dos mares e oceanos.

Flagrei por vezes nos momentos em família na praia, latas de cerveja e sacos plásticos descartados na água do mar e na areia, a poluição marinha é um dos maiores desafios do século XXI, 8 milhões de toneladas de plástico chegam aos oceanos todos os anos. É devastador! Lamentável saber que apenas 2,5% dos mares são protegidos de maneira permanente, todos esqueceram que o oceano produz mais da metade do oxigênio que os homens respiram e os mangues retêm de 3 a 5 vezes mais carbono?

Não quero que a beleza da Praia do Forte se torne apenas recordação, não desejo que meu lugar especial seja uma “praia de lixo”, como a grande porção de lixo do pacífico, com cerca do dobro do tamanho da França. Ainda me preocupo com a vida dos animais marinhos, que podem ingerir microplásticos, se a crueldade continuar não poderei ver os caranguejos na praia, como se brincassem de pique-pega com as crianças, ou ainda mais triste será saber que as tartarugas não estarão mais lá. Reduzir a ameaça à vida marinha deveria ser a nossa prioridade. Concordo com o oceanógrafo Alexander Turva, ao dizer: “A poluição compromete o funcionamento e a saúde do mar. Faz com que a espécie humana coloque em risco a própria vida no planeta.”

Não podemos mais fechar os olhos para essa realidade, precisamos agir agora. Poderíamos organizar uma comunidade no Instagram que compartilhe posts sobre a importância da redução de consumo de plásticos descartáveis; estimular o uso de materiais biodegradáveis e recicláveis e o descarte correto de resíduos; e criar um programa de voluntariado para a limpeza da Praia do Forte. Lutando juntos, os mares e seus mistérios continuarão encantando as futuras gerações.

SEEDUC

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Eduarda Sophia Farias Silva**Professor orientador: **Marcos Exaltação**

C. E. Sargento Wolff/Metropolitana VII



O eco da nossa indiferença

A natureza suspira silenciosamente, estaria enferma? Ou apenas cansada de almejar verdadeiras mudanças? Porventura esteja mesmo enferma, adoentada de tanta fumaça e ferida por desmatamentos. Habitualmente, reflete-se a separação do homem e do meio ambiente, todavia isso é esquecer que precisamos dele para viver e quando o homem respeita o seu ecossistema, respeita a si mesmo, em que cuidar da terra é sinônimo de cuidar si. É fulcral relembrar o passado para compreender o presente, as raízes das adversidades ambientais, as quais remontam ao processo de Industrialização, surgindo máquinas a vapor, produção em massa e a utilização de combustíveis fósseis. Sucedeu-se, assim, gerações gigantescas de emissões de poluentes atmosféricos, contaminações da água e solo, e o aumento do descarte de resíduos.

Discutir o passado é necessário, mas observar a contemporaneidade é indispensável, pois a atual escassez de cuidados com a natureza revela como o homem comporta-se perante crises ambientais. No âmbito atual, a internet é um dos meios percursores que impossibi-

lita uma visão maior dessa esfera, a mesma dificulta que as pessoas enxerguem a real gravidade crítica do nosso planeta, outrossim há a ocorrência de omissão e ignorância na relação do indivíduo com obstáculos que a biossistema enfrenta. Uma parcela de sujeitos permeia a maior parte do seu tempo em espaços virtuais, crucialmente a natureza não é virtual, não se desliza o dedo e troca de ambiente. Enquanto sorrimos em fotos, a Terra clama por socorro, florestas perdem hectares por minuto, mas estamos ocupados demais com atualizações. O mar engole plásticos diariamente, mas o post do dia ainda não apareceu no topo do seu feed.

É hora de um coletivo social desligar os sons digitais e reaprender a ouvir o mundo real, arcando com as consequências do amanhã, ouvir o que a mãe natureza tem a dizer antes que ela pare de falar e comece a reagir. É análogo a um sussurro de quem já gritou e não foi ouvido, enquanto o ser humano com sua pressa nos passos e fones nos ouvidos, não repara que ele planta cimento e colhe desmatamento. E ainda chama isso de progresso sendo uma devastação. As estações se confundem, as secas se prolongam, o ecossistema conversa conosco com tempestades e incêndios, e seguimos desatentos. Fingimos não compreender. O vento tentou nos avisar primeiro, soprou forte, ocasionando mais furacões, entretanto o ser humano apenas falou “é só uma ventania” e o vento partiu bravo. A terra tentou avisar, gerou terremotos e deslizamentos, porém o homem só escavou e ergueu prédios mais altos. A água, outrora bondosa, ocasionou mais enchentes e tsunamis, mas o homem disse: “Não sei o motivo desse dilúvio”. O fogo gritava devorando florestas, formando queimadas e erosões no solo, mas as pessoas só assistiam pelas telas, como quem assiste a um filme na televisão.

Nome: **Rihanna de Sena Godinho Gomes**Professora orientadora: **Cintia Cristina Sampaio Marques**

C. E. Presidente João Goulart/Metropolitana VII



Antes que seja tarde

Eu sempre achei que o mundo ia durar pra sempre. Que o céu ia continuar azul, que os rios iam correr limpos e que as árvores iam balançar com o vento como sempre fizeram. Mas um dia, no caminho da escola, eu parei e olhei em volta. E foi aí que caiu a ficha: o mundo tá pedindo socorro. A natureza tá gritando, mas a gente finge que não escuta.

Eu lembro da enchente que invadiu a casa da minha tia. A água levou tudo: móveis, roupas, até as fotos antigas da família. E o pior é que ninguém parecia surpreso. Virou rotina. O calor também mudou. Tem dias que parece que o sol tá queimando a pele da gente, mesmo na sombra. E o ar? Cinza. Difícil respirar direito quando a cidade fede a fumaça e descaso.

Às vezes eu fico com medo do futuro. Medo de não ter mais árvore pra fazer sombra, água limpa pra beber, ou até um vento fresco pra sentir no rosto. Crescer num mundo assim dói. Dói ver que os adultos ignoram, que muita gente só pensa em dinheiro, em consumo, e esquece que a natureza é o nosso próprio corpo respirando. Fico

triste. Triste por ver que estamos colhendo o que plantamos: fumaça, lixo, destruição.

Mas eu não quero só sentir tristeza. Eu quero mudança. Quero plantar árvores, não só no chão, mas nas ideias das pessoas. Quero que a minha geração enxergue a natureza como parte de si mesma, não como um depósito de coisas descartáveis. Ainda dá tempo. Se cada um fizer um pouco, se cada um parar pra escutar o que a terra tá dizendo, a gente ainda pode salvar alguma coisa. Porque o planeta é forte, mas ele tá cansado de lutar sozinho.

A natureza sempre nos abraçou. Agora é a nossa vez de abraçá-la de volta — antes que seja tarde.

Nome: **Tiago Werdan Curty Estephaneli**Professor orientador: **Alexsandro Rosa Soares**

C. E. Lions Clube de Itaperuna/Noroeste Fluminense



Cegos de tecnologia, surdos ao Mundo

Outro dia, parei diante de uma árvore.

Não um bosque, nem uma floresta. Só uma árvore, solitária, na esquina da rua onde passo todos os dias apressado. Nunca a notei, confesso. Talvez porque estivesse sempre apressado, fones nos ouvidos, olhos na tela, mente no amanhã.

Mas naquele dia, não sei bem por que, olhei. E ela me olhou de volta. Não com olhos, é claro. Mas com uma presença que me fez parar. A casca já gasta, os galhos todos tortos, as folhas que se mexiam, sem se importar com o vento. Ela estava ali. E, de repente, era como se ela sempre estivesse estado ali. Talvez estivesse ali há mais tempo que eu no bairro, talvez mais sábia do que nós todos juntos.

Fiquei um tempo parado, olhando. E pensei: quando foi que deixamos de ver?

A humanidade, essa criatura tão inteligentes, criou máquinas, voou, chegou à Lua, programou inteligência artificial... mas esqueceu como ouvir um riacho, como sentir o cheiro da chuva antes de ela cair. Esquecemos o nome das árvores, o canto dos pássaros, o ciclo da lua.

A natureza virou cenário. Algo que aparece em propaganda de produto “eco”, ou em filmes sobre apocalipse. Quando chove, é incômodo. Quando o sol esquenta demais, é culpa do clima. Mas nunca nossa. Nós nos afastamos tanto que começamos a achar que somos algo à parte, superiores, donos.

Só que a conta chega. E não vem em boletos — vem em calor insuportável, em rios secos, em ar irrespirável. Vem no silêncio das abelhas, na ausência das estações. Naquela esquina, diante daquela árvore, me senti envergonhado. Mas também acolhido.

Porque a natureza não guarda rancor. Ela apenas espera. Não pede aplausos, só respeito. Não exige perfeição, só equilíbrio. Ela ensina sem falar, cura sem cobrar, oferece sem esperar algum tipo retorno. E mesmo assim, continuamos testando a sua paciência.

Talvez seja por isso que uma árvore pode ser tão mais humana do que muita gente. Desde aquele dia, passei a notar outras coisas: o cheiro da terra depois da chuva, o jeito como as nuvens se desfaz devagar, o som das folhas secas sob os pés. Não é muita coisa, eu sei. Mas já é um começo.

A humanidade não precisa abandonar tudo e voltar a viver em cavernas. Mas precisa lembrar que faz parte, não está acima. Que a natureza não é um recurso, mas uma casa — e ninguém destrói a própria casa sem pagar um preço. A árvore continua lá, firme, discreta, oferecendo sombra pra quem quiser parar. Hoje, às vezes, eu paro e a escuto.

Nome: **Lorrayne de Oliveira Leal**Professora orientadora: **Michelle de Oliveira Rosa**

CIEP 500 Antônio Botelho/Centro Sul



O Grito da Natureza

Hoje de manhã, comecei a observar a Natureza e percebi que o verde das florestas some em mechas castanhas, o canto dos pássaros está cada vez mais baixo e os rios correm ainda mais rasos.

Parei o que estava fazendo e me perguntei: será que o planeta Terra está cansado de todos nós? Logo vejo que tudo isso é por conta da própria Humanidade, que começou a contribuir, de forma negativa, para o crescimento de grandes prédios, pela quantidade excessiva de automóveis nas ruas e por conta do lixo descartado de forma errada, destruindo o Meio Ambiente.

Reparo bem como a Terra está mais quente do que antes e vejo que isso também é culpa principal nossa, seja pela queima de combustíveis fósseis, dos desmatamentos das florestas, seja mesmo pela poluição do ar, da água ou do solo. Isso leva à destruição total do Meio Ambiente, gerando as fortes mudanças climáticas, que estão ocorrendo com muita intensidade, principalmente, por conta dessas atividades humanas. Tudo por conta das nossas atitudes!

Será que a Natureza está querendo nos dizer algo? Porque antes,

as estações do ano eram bem mais definidas, havia mais bichos e plantas, mas, atualmente, o calor está excessivo e as chuvas descontroladas, inundando regiões urbanas, assustadoramente.

Não sou apenas eu, ou você, que estamos preocupados com o nosso Meio Ambiente, mas sim o mundo todo, porque está sentindo que algo muito sério está errado. Grupos diferentes de especialistas de vários setores estão se reunindo para a tentativa e melhoria das mudanças climáticas, mas é pouco, perto dessa urgência.

É necessário fazermos a nossa parte, zelando pela Natureza, que nos fornece tudo o que precisamos para sobreviver, já que pouco tem sido feito para cuidar dela, não prejudicando-a, ainda mais, o mais rápido possível, porém essas atitudes ficam a critério exclusivo da própria Humanidade, que precisa se comprometer tomando as devidas atitudes em prol da preservação da existência humana.

Nome: **Fellipe de Brito Carvalho Spinola**Professora orientadora: **Teresa Cristina Fonseca de Andrade**

C. E. Engenheiro Passos/Sul Fluminense



A graça das capitais

De que importa ter ideais? De que importa qualquer reação? Foi o que me perguntei, horas atrás, ao terminar de reler “*Walden, ou A Vida nos Bosques*” (1854) e, em seguida, “*A Desobediência Civil*” (1849), ambas obras de *Henry David Thoreau*. Não que eu não me questionasse sobre a relação humano-natureza antes — longe de quaisquer conformismos, eu já tinha senso crítico antes mesmo de nascer. Mas a ideia, dissipada e reconstruída como se num conceito constante, martela na minha cabeça de formas diferentes a cada leitura.

Em *Walden*, Thoreau narra o período em que viveu à beira do lago homônimo, em Concord, Massachusetts, em busca de uma vida autêntica e simples, rumando contra a maré da industrialização e urbanização violentas que invadiam os Estados Unidos da América. Ele via com desdém o crescer das indústrias, enojado pela fumaça e pelo concreto — sendo essa modernização forçosa, para ele, um claro veículo para a formação de cidadãos cegados pelo consumismo e presos a rotinas insalubres de fábricas. Para Thoreau, era como tomar a auto-

nomia do povo e da natureza para, em seguida, queimá-las numa pira funerária consagrada a um avanço abstrato.

Foi à beira das águas do Walden que Thoreau, numa cabana construída por ele próprio, passou a questionar a condenação dos animais, dos campos e das florestas pelas mãos dos senhores industriais. Entre nuvens, galhos e passarinhos, compreendeu quão suja a graça das capitais poderia ser.

Hoje, observando a atual crise ambiental pela qual passamos, imbuída de desmatamento e garimpos ilegais, penso que aquele rapaz idealista e esperançoso veria o mesmo vazio e insensibilidade humana que via em seu tempo, mas em proporções muito mais alarmantes que em sua altura histórica. O homem segue subjugando a natureza por seus interesses, e ela não parece estar disposta a se entregar sem lutar. Quantas espécies mais precisarão ser extintas para entendermos que é tarde? Quantos bosques deverão se converter em *Walmarts* para que percebamos que ninguém se alimenta de plástico? Como exclamou *Frank Zappa* há mais de três décadas: talvez, em mil anos, só haja bactérias... e elas dificilmente serão tão abusivas para com o planeta quanto nós.

A catástrofe chegará, ao menos, bem vestida — terno chique, engravatada. Árvores artificiais já existem. É mais fácil investir milhões numa estupidez tecnocrática do que preservar florestas.

Do ônibus, vejo: a graça das capitais não se banca mais — e quem diz isso não sou eu, mas o próprio planeta. Nota-se o fim na iminência dos rastros químicos, no som mecânico das manhãs sem pássaros, no amanhecer a buzinar. E, caminhando pelas ruas, me vejo sangrar microplásticos, vendo o cinza-câncer se espalhar sobre o verde vivo que nos deveria ser casa. Eles querem colonizar Marte porque preferem abusar da Terra até o colapso e fugir, em vez de curá-la, é claro. Portanto, se revolte como Thoreau e lute pela Terra... Afinal, existe *desobediência civil* maior que lutar por nosso planeta?

Nome: **Rafael de Araujo Mendes**Professor orientador: **Carlos Henrique Afonso Khoury**

C. E. Alexander Graham Bell/Metropolitana V



Tudo

De onde você acha que tudo que vive surgiu? O ar que respira, o chão que você pisa, o alimento que ingere, a água que sempre usa. Sou mais que a grama ou as árvores que superficialmente você observa. Eu sou tudo. Eu sou a ave que voa sobre seu jardim, que canta e faz morada em um canto alto de sua sacada. De galho em galho, construo meu ninho, pois nele não estarei sozinho. Sou uma mãe que alimenta seus filhos e, neste ninho, você é meu filho. Sou eu que tudo comecei, sou eu que tudo terminarei. Eu vi você crescer, vi você se desenvolver. Lembro-me de cada nome, de cada momento. Por você já tive muitos nomes. No começo, Gaia. Contava-se que era a forma primordial da existência. Atualmente, chama-me Terra. A forma que você tem de criar, revolucionar, sempre tem o poder de me cativar. Como a chuva que cai no solo, molhando a terra; numa dança as minhocas fertilizam a terra, transformando uma simples semente em botão. Meu dever é lhe sustentar; com o feixe de sol

mais incandescente do amanhecer. Nutro suas delicadas folhas para que futuramente possa se erguer. Desde o começo, essa foi mi-

nha missão: cultivar o pequeno botão que tanto amo e cuidei. Entretanto, lamentavelmente, seu gosto vem a se tornar amargo, um gosto que me envenena, que me corrói por dentro e lentamente está a me apodrecer.

O que um dia foi viçoso, está a se tornar murcho. Por meio de ventanias – eu lhe chamo –, por meio das tempestades, terremotos e maremotos – eu te exclamo – e, mesmo assim, ignora-me, como uma criança birrenta, desobedecendo a sua mãe. Ainda que eu seja ‘Tudo’, ainda assim vens me destruir. Queima-me, intoxica-me com tua fumaça, mutila-me.

O botão que um dia eu cuidei, tornou-se em seguida, uma flor bela, mas danosa. Assim como prometi, cumprirei minha missão: continuarei sendo teu feixe de sol e nutrirei suas agora rígidas raízes, pois tu também és eu, eu também sou tu, até que tudo um dia tenha fim. Eu sou e continuarei sendo tudo.

Nome: **Leonardo Cardoso Calzolari**Professora orientadora: **Adriana Bitencourt de Souza Faria**

I.E. Eliana Duarte da Silva Breijão/Noroeste Fluminense



Geração Reborn

— Já se perguntou... por quê?

— Por que o quê?

— Porque estamos assim!

— Assim como?

Tão vazios. Longe de tudo, próximos de tudo, cercados por tudo... e, ainda assim, tão vazios. Não se trata só de mim, mas de nós – da época em que vivemos, da realidade em que nascemos. Um tempo em que pessoas são tratadas como coisas, sentimentos se tornam descartáveis e o afeto virou quase peça de museu. Paralelo a isso, rompemos nossa conexão com a natureza, como se ela não fosse parte de nós. E, enquanto nos afastamos, ela responde – com força.

Parece um jogo em que o objetivo é não surtar. Relações superficiais por todos os lados – até onde isso vai nos levar? Vivemos em uma fantasia criada, numa bolha de irrerealidade. Crianças preferem o celular ao parque, o toque da tela ao calor do sol. Famílias se esvaziam. Muitos pais não conseguem – ou não sabem – se conectar verdadeiramente aos próprios filhos. E, enquanto isso, o planeta segue sendo

ignorado, como se não fizesse mais parte da vida.

Percebo, então, o quanto esta geração está carente. A falta de afeto, somada ao distanciamento da natureza, adoece. Ansiedade, depressão e baixa autoestima são epidemias silenciosas. Adolescentes fragilizados emocionalmente se perdem, afetando também quem está à volta. Tudo se conecta. Assim como os laços humanos se desfazem, florestas queimam, rios secam, o clima enlouquece. O desequilíbrio está dentro e fora.

Dias e noites passam, e seguimos isolados, trancados em quartos, reféns de uma realidade digital onde tudo parece estar sob controle. Mas não está. Algoritmos moldam desejos, manipulam pensamentos e reforçam bolhas. Lá fora, o mundo real pede socorro: secas extremas, enchentes, calor absurdo, colapsos ambientais... e silêncios. O cheiro da chuva some. As estações se confundem. O canto dos pássaros desaparece.

Acredito que o contato com a natureza pode, sim, reumanizar as pessoas. Não é cura instantânea, mas talvez o início de uma esperança – uma esperança que floresce se for bem cuidada. Caminhar na terra molhada, ouvir o vento, sentir o cheiro do mato, observar o pôr do sol... são atos que restauram. Reconectam. Curam.

Foi assim que tudo começou: escolhas pequenas, lá atrás, geraram o colapso de hoje. Por décadas, acreditou-se que sucesso era acumular – dinheiro, status, bens. E, na busca por ter, esquecemos de ser. Esquecemos da natureza, das relações, de tudo que nos fazia vivos. E então, quando conquistamos tudo, o que restou? Sem vínculos, sem raízes, o sucesso virou vazio.

Mas, por que se preocupar? Emoções, afetos e até o respeito pela natureza foram deixados de lado. E ela responde – ondas de calor, temporais, enchentes, incêndios, desequilíbrio. Mesmo assim, fingimos não ver. Crianças crescem desconectadas, como se fossem produtos fabricados. Cada olhar apático, cada gesto automático, revela não só a ausência de amor, mas também a perda do vínculo com aquilo que nos faz, de fato, humanos. E vivos.

Nome: **Talita Dias de Lima Maciel**Professora orientadora: **Cristiane Sampaio Barreto Ney**

CIEP 341 Vereador Sebastião Pereira Portes / Metropolitana I



O abraço da mangueira

Dona Alzira sempre começa o dia do mesmo jeito: pés descalços no chão frio da cozinha, chaleira no fogo e um “bom dia” sussurrando para a mangueira do quintal. É um hábito antigo, desses que ninguém ensinou, mas que o coração nunca deixou de fazer. Ela fala com a árvore como quem fala com um velho amigo – e talvez seja mesmo. Afinal, aquela mangueira está lá desde que D. Alzira se entende por gente.

- Dormiu bem, minha filha? – ela pergunta, enquanto o vapor do café preenche a cozinha.

A árvore não responde, claro. Mas Alzira jura que sim. Um balançar de folhas, uma sombra que muda de lugar, um cheiro de manga no ar antes da fruta cair. É assim que a natureza responde: baixinho e devagar. É preciso estar disposto a ouvir.

O mundo lá fora, parece ter perdido essa disposição. As pessoas andam com pressa, os carros gritam nas ruas e o céu vive coberto de fumaça. O mundo moderno despreza tudo que cresce com calma. Tem prédio onde antes era campo, tem asfalto onde a terra era viva. Alzira

olha tudo isso com um cansaço manso, como quem já viu demais e começou a se calar quando ninguém quer escutar.

“Eles acham que cortar é progresso...” – ela pensa, olhando a cidade engolir árvores como quem arranca erva daninha.

Um dia, funcionários da prefeitura aparecem dizendo que a mangueira do seu quintal representa riscos para os moradores da casa. Ela sente como se quisessem arrancar um pedaço de sua própria história. A árvore é muito mais que apenas tronco e folhas – é lembrança, companhia, consolo. D. Alzira os enfrenta com a força de quem ama, e embora os funcionários prometam voltar, ela segue firme, acreditando que resistir, às vezes, é apenas continuar cuidando do que importa

Imagem de autoria
de **Pedro Gabriel
da Cruz Teixeira,**
Jonathan Pires,
**Pedro de Sá
Hildebrandt e Isaque
Gomes Nunes.**
Ela foi originalmente
produzida no âmbito
do concurso interno
promovido pelo
curso de Design
Gráfico do SENAI
do Rio de Janeiro
para o Prêmio Rio de
Letras 2025.



Ailton Krenak

Uma das maiores e mais necessárias vozes do Brasil. Líder indígena, ambientalista e pensador brilhante, Krenak emerge da tradição de seu povo para oferecer uma crítica poderosa ao que chama de "sono da civilização". Sua vida e sua obra são um convite urgente para reconectarmos com a Terra e imaginarmos um novo futuro.



Peosia



Este livro contém os textos vencedores da temporada 2025 do Prêmio Rio de Letras, com Contos, Crônicas e Poesias produzidos por alunos das Escolas Firjan SESI e das Escolas Estaduais do Rio de Janeiro, selecionados por membros da Academia Brasileira de Letras, sobre a temática "A Humanidade e a Natureza". Com esta iniciativa, a Firjan SESI incentiva a leitura, a reflexão crítica sobre a realidade e a escrita, contribuindo para a formação de milhares de jovens estudantes.



poesia é uma forma de arte que existe há muito tempo e tem o poder de expressar sentimentos, ideias e experiências de maneira única. Ela não serve apenas para embelezar

as palavras, mas também para nos fazer pensar e sentir de forma mais profunda.

O professor Alfredo Bosi explica que “a poesia é uma forma de saber que se realiza na linguagem e que se distingue pela densidade simbólica e pela abertura ao indizível”. Isso quer dizer que o poema não é só um texto bonito — ele pode revelar coisas que não conseguimos dizer com palavras comuns, ajudando a entender melhor a nós mesmos e o mundo ao nosso redor.

Já o crítico literário Antonio Candido diz que “o poema é uma estrutura de linguagem que se organiza em função de uma intenção estética, e que, por isso, exige uma leitura que ultrapasse o conteúdo imediato”. Ou seja, para entender um poema de verdade, é preciso ir além da primeira impressão e tentar descobrir o que está por trás das palavras.

Em uma aula exclusiva para o projeto Rio de Letras, Antonio Carlos Secchin — poeta e ensaísta de reconhecida erudição, professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro da Academia Brasileira de Letras — sublinha que a potência expressiva da poesia não reside propriamente na escolha do tema ou na sofisticação da verificação, mas sim na capacidade de subverter expectativas acerca do que convencionalmente se entende por poético. Para ele, o verdadeiro teor de poeticidade emerge da engenhosidade do autor em arquitetar uma dinâmica criativa que desloque o olhar para o inusitado, instaurando a poesia como território privilegiado da singularidade e da ruptura estética.

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Anna Julia Paredes Corrêa Vassal**

Professora orientadora: **Elaine Nunes Ferreira**

Escola Firjan SESI Maracanã



Terra à Beira **(por uma voz em alerta)**

Nos salões gelados do lucro e poder,
ergueram-se torres de fogo e veneno.
Cuspiram fumaça nos céus sem temer,
cortaram a vida com mãos de cimento.

As árvores gritam, mas quem vai ouvir
se o verde não cabe no bolso do dia?
Rios sufocam sem ar pra seguir,
e o mar engole o que a costa escondia.

Chove veneno, colhe-se sede,
os peixes se afogam em plástico e medo.
A humanidade, rainha de nada,
acende seu trono num mundo em degredo.

Nas avenidas de concreto e pressa,
passam carros vomitando calor.
Cada buzina, uma nota de alerta —
mas ninguém silencia o motor.

Chamaram de “progresso” o que era destruição,
desenharam futuro com fogo e cinza.
Vendemos o mundo por uma ilusão,
e agora a esperança mal se avizinha.

O gado pastando no que resta do chão,
sementes transgênicas sem coração.
E a chuva, que antes lavava o quintal,
hoje escorre em corpos num temporal.

Fazem discursos com flores de aço,
selam tratados com beijo de morte.
Enquanto o planeta definha no laço,
a espécie se embriaga fingindo ter sorte.

As geleiras choram em degelo mudo,
as florestas ardem sob aplauso oculto.
E quem se ergue pra defender o tudo
leva bala, censura, silêncio absoluto.

Que herança deixamos, senão cicatriz?
Um solo infértil, um céu em ruína.
Gritamos progresso, matamos a raiz,
trocamos o pulso por máquina fina.

Quando o último campo for cinza e deserto,
quando o último sopro for quente demais,
quem lamentará pelo tempo incerto,
quando até o futuro se for para trás?

E então, talvez, na última noite,
sem árvores, rios ou aurora em festa,
o homem descubra — tarde demais —
que nunca foi dono da Terra, só peste.

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Gabriela Melyssa Santos Freire Pontes**Professor orientador: **Paulo Roberto Oliveira Lima Ramos**

Escola Firjan SESI São Gonçalo



Elegia verde: à sombra da palavra e da árvore

A palavra nasceu do sopro da terra, como
o fogo nasceu do atrito da pedra. Antes
da tinta, foi seiva; antes do livro, foi
tronco. E antes do homem, havia o
silêncio verde que tudo cantava.

Mas o homem, este artífice de ruínas, olhou
para o mundo e não se viu espelho, quis
dominá-lo, não compreendê-lo, quis moldar
o barro alheio, sem ver o próprio barro em
sua alma.

Com mãos ansiosas, rasgou montanhas, fez
do rio uma estrada sem volta, fez da floresta
apenas ausência, e da ausência, lucro.

Ah, humanidade:

Poeta cega de um mundo que declina. Tua
pena é de ferro, teu papel é de dor. E
escreves teu destino no dorso curvado das
árvores tombadas.

Ergueste cidades no lugar de ninhos,
trocaste a canção do sabiá pelo zumbido
febril das máquinas.

Chamaste de “progresso” a
amputação das paisagens, de
“civilização” o esquecimento da tua
mãe primeira.

Esqueceste o gosto da chuva pura, o
nome exato de cada flor, e a dança
que o vento ensinava antes de ser
engaiolado.

Sim, construístes pontes, mas poucas
levavam ao futuro. E enquanto cavavas
túneis na montanha, abrias abismos
dentro de ti.

Não vês que tua pele é feita de tempo? Que
teus pulmões são irmãos das árvores? Que
teu sangue corre com a mesma pressa dos
rios que agora matas?

Natureza — essa velha sábia — ainda
oferece abrigo ao filho ingrato. Ainda
floresce, mesmo sob o concreto. Ainda
resiste, mesmo quando esquecida.

Mas ela, um dia, se calará. E não haverá
poesia suficiente para reconstruir o que
não se quis ouvir.

Então ouve:

Ainda é tempo. Tempo de desaprender o
descuido, de colher com reverência, de
plantar com ternura, de entender que a Terra
não é herança — é empréstimo.

Que a palavra seja ponte,
não espada.

Que a arte seja alerta,
não ornamento.

E que a letra — enfim —
se curve diante da folha,
não da vaidade.

Firjan SESI

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Laura Telles da Cunha Tomaz Bernardo**

Professora orientadora: **Gabriella Reis dos Santos**

Escola Firjan SESI Petrópolis



Mãe natureza

Nós não a merecemos
Nós só usamos o que queremos
Deste lugar
Tiro até do mar
Deste lugar
Já falta até o ar.
Mãe Natureza,
Não venha até nós
Mãe Natureza,
Por favor, nos perdoe.
Nunca iremos mudar.
Somos o ápice do egoísmo.
O futuro é agora —
pois não haverá um depois.
Não depois de nós.
A sede de poder nos consome

O tédio de possuir nos corrói
Ano após ano
Vida após vida
São apenas destroços
De uma natureza finita.
As rimas deste poema
Terminam aqui
Tal como
O ar puro que um dia possuí
Tal como
O mundo que eu mesmo destruí.

Firjan SESI

2ª série de Ensino Médio

Nome: **Júlia Lamblet da Silva**

Professora orientadora: **Rosilene da Silva Costa**

Escola Firjan SESI São Gonçalo



O reinado da morte

O mundo morreu com os olhos abertos.
Ninguém fechou as pálpebras do céu.
Ficaram olhando, imóveis, como janelas quebradas de uma casa abandonada.

O mar secou de dentro para fora,
como quem desiste de chorar. E a floresta virou um livro queimado

cada tronco, uma página que o fogo leu em voz alta.

O ar, antes um sussurro de folhas,
hoje é só uma boca cheia de poeira.
Respirar é mastigar cinzas do que um dia foi perfume de chuva.

Você ainda anda por aqui, mas pisa em esqueletos de raízes.
Ainda tem olhos,

mas enxerga só o reflexo do que faltou amar.

A natureza virou retrato pendurado em museus feitos de concreto e culpa.

Seus rios agora são trilhas para formigas de ferro que esquecem para onde vão.

O vento, cansado de implorar, foi embora -
e levou com ele as últimas vozes do mundo.

Agora, o nada governa. É rei sem coroa,
assenta-se onde havia campos, escreve
seu nome onde a vida brotava.

E você o chama de futuro.

No altar dos desertos,
ergue-se um templo invisível

onde a humanidade reza para um deus que ela mesma matou.

E no eco dessa oração vazia, não há perdão,
não há resposta.

Só o nada -
e ele tem fome de eternidade.

Firjan SESI

2ª série de Ensino Médio

Nome: **Ana Clara Saldanha**

Professora orientadora: **Gessica Granadeiro de Oliveira**

Escola Firjan SESI Petrópolis



A desobediência custa caro

Tudo o que chegou perto do paraíso,
Veio a ruína como um choque elétrico.
Aquilo que era alma verde vida,
se transformou em cinza sintético.

Em devaneios, tentando me esquecer desses fatos,
Mergulhei nas águas gélidas do meu mar de Copacabana.
Um murmúrio escapou ao ver uma garrafa de refrigerante cortar
o meu pé,
O choque de realidade foi como um dardo de Zarabatana.

Peculiaridades como o vermelho do meu sangue e o azul do mar,
Esperava por todas as espécies loucas pelo cheiro,
Mas não havia mais nada, nenhuma vida naquele lugar.

Finalmente em meu apartamento me acomodei,

Precisava raciocinar tudo que estava agitado.
Qualquer canal de televisão passava uma campanha,
“Tome banhos curtos, economize água”, me arrancou uma risada.
Realmente planejam desculpabilizar os engravatados.

Agoniada com o giz rangendo de manhã no quadro,
Minha professora me pergunta o que eu quero pro meu futuro.
Família, faculdade, viagens, poder escolher o papel de parede da
minha casa
Todavia, o ar que respiramos talvez nem seja mais respirável.

Com os olhos marejados eu não a respondo,
Geleiras derretendo, os invernos mais quentes do mundo.
Será que vou realizar meus sonhos antes que acabe tudo?

A politização tem o seu preço, alto que até assusta,
Quem sabe eu ainda sou uma garotinha tentando ser justa.

Firjan SESI

2ª série de Ensino Médio

Nome: **Gabriel Ambrosio de Freitas**

Professora orientadora: **Roberta Martins Pinheiro**

Escola Firjan SESI Macaé



Então é hoje

Então é hoje que a sombra reina.
Então é hoje que o orvalho some.
Então é hoje que o frescor termina.
Então é hoje que a maré consome.

No ontem, existia cor.
No ontem, o sol ainda brilhava.
No ontem, todos extorquiam.
No ontem, ninguém se culpava.

Amanhã, será que ar terá?
Amanhã, ainda teremos árvores?
Amanhã, irei ver o sol?
Amanhã, teremos amanhã?

Há 1 dia, pensavam no hoje?
Há 1 ano, pensavam no ontem?
Há 10 anos, pensavam no amanhã?
Há 100 anos, pensavam nos anos?

Agora, volta não tem.
Agora, o nada é escutado.
Agora, não há mais céus.
Agora, as reservas sumiram.

Daqui a 1 dia, a água evapora.
Daqui a 1 ano, o céu não chorará.
Daqui a 10 anos, ar seco será.
Daqui a 100 anos, teremos próximos anos?

Para 100 anos, digo isso,
Tem uma pedra no caminho.
E não adianta escavá-la e extrair.
Porque não é a pedra que morrerá.
E sim, quem a retirar.

Queremos extrair de tudo,
Mas abaixo do solo contém raízes.
E se consequentemente todas elas
Deixassem de existir?

Gratos somos pelo tempo
Que passa, sempre dando tempo,
Para que possamos reconstruir,
A pedra que retiramos.

Grato somos pelos anos
Que tentam passar pano na sujeira
Mas quantos mais pedras são tiradas,
Mas sujeira é gerada.

Grato somos pelo hoje
Mostrando o nosso tempo restante.
Demarcando uma chance de mudança.
E dando esperança para o amanhã.

Então somos gratos pela pedra...
Ela nos entrega o tempo
Nos entrega a raiz
E entrega chance de mudar.

Firjan SESI

3ª série de Ensino Médio

Nome: **Juan Gabriel Gonçalves da Silva**

Professora orientadora: **Alessandra da Silva Almeida**

Escola Firjan SESI Benfica



Barro e Esquecimento

No princípio, éramos barro.
Não matéria bruta
mas promessa.
Pó que lembrava o sopro,
pele ainda úmida da criação.
Caminhávamos não sobre a Terra,
mas com ela.

Nossos pés não pisavam:
pertenciam.
Nossos olhos não viam:
reconheciam.

A árvore era irmã,
o rio, pai antigo.
E o silêncio das pedras
era mais sábio que qualquer livro.

Mas então,
o homem quis nomear.
E ao nomear, separou.
Chamou de recurso o que era vínculo.
Chamou de conquista o que era ferida.

Rasgou a terra com unhas de ferro,
pintou o céu de cinza
e chamou de céu
o teto de suas fábricas.

Esqueceu-se de que o corpo
ainda é feito de barro.
E que ao negar a terra,
nega-se a si.
O solo que agora sangra
é o mesmo de onde viemos.
O ar que arde
é o mesmo que nos moldou a respiração.

Mas não ouvimos.
Porque nos tornamos surdos
ao que não serve.
Cegos
ao que não brilha.
Inimigos
do que não obedece.

E a Terra, sábia, espera.

Ela não nos julga.
Ela nos assiste
como quem observa um filho
que, por orgulho,
esqueceu o próprio nome.

Talvez um dia,
ao tocarmos o chão em queda,
lembremos.

Que não somos donos.
Que nunca fomos deuses.
Que no princípio,
éramos barro.

E só seremos salvos
quando tivermos humildade
de voltar a ser.

Firjan Sesi

3ª série de Ensino Médio

Nome: **Beatriz de Oliveira da Silva**

Professor orientador: **José Alexandre Santos Oliveira**

Escola Firjan Sesi Maracanã



Cor de Terra, Cor de Dor

Na beira do rio que fede a veneno,
vive gente que o mundo acha pequeno.
A fumaça é o céu, a poeira é o chão
e a vida ali segue, mesmo na contramão.

Não é só o mato que some do mapa,
é gente sumindo sem ninguém que note falta.
É o povo preto, é o povo da beira
que sente o impacto e ninguém considera.

As árvores tombam com som de máquina,
mas ninguém ouve a dor da margem.
O lixo não vai pro bairro bonito,
vai pr'onde o silêncio é mais infinito.

A água não chega aonde mora o calor,
a sede é constante, a cor é a dor.
O sol castiga o que já foi ferido,
e a justiça vira só um mito infinito.

Quem polui tá longe, bem protegido,
E quem paga a conta é o mais esquecido.
Favela, aldeia, quebrada, sertão,
todo mundo sente a mesma pressão.

Racismo ambiental — já ouviu falar?
É quando até o meio tenta te apagar.
Quando a pele escura sofre mais com o clima,
o direito de viver vira rima.

Mas a gente grita, mesmo com medo,
porque silenciar é o maior erro.
Tem luta no olhar de quem foi deixado,
tem força nas mãos de quem foi calado.

Não tem futuro num mundo doente
se só vive bem uma parte da gente.
Se o rio é veneno, se a terra é dor,
que amor é esse que mata o valor?

Se o chão não for casa, se o rio for dor,
seremos só sombra do que era amor.

Agora basta ouvir os gritos de dor.

Nesse mundo perdido sujo pelo temor.

Firjan SESI

3ª série de Ensino Médio

Nome: **João Gabriel de Freitas Barbosa Chagas**

Professor orientador: **Rovane Jorge de Oliveira Guimarães**

Escola Firjan SESI Nova Friburgo



A terra que chora

No ventre da Terra, um grito ecoa,
Silente e profundo, um clamor que ressoa.
Florestas tombadas, pulmões a sangrar,
Enquanto o progresso insiste em queimar.

O céu, outrora azul, se cobre de cinza,
O sol castiga, o ar se avilta.
Das geleiras escorre um pranto gelado,
Prenúncio de um tempo já desajustado.

O rio transborda, a terra se parte,
O fogo avança com cruel alarde.
E quem menos feriu a mãe natureza
É quem mais sofre sua dor e dureza.

Nos becos esquecidos, a sede castiga,
A lama invade onde a vida abriga.
Enquanto os senhores, distantes, planejam,
Os pobres resistem — vivem, não negam.

Mas ainda pulsa uma esperança viva
No gesto que planta, no olhar que cultiva.
Na escuta do vento, no grito da gente,
Na luta que cresce, firme e consciente.

Humanos e Terra, laço entrelaçado,
Destino comum, futuro marcado.
É tempo de escuta, de ação e de fé:
Que a natureza ressurja de pé.

Pois só haverá amanhã verdadeiro
Se houver respeito no agora inteiro.
A natureza não é inimiga ou muralha:
É irmã, é raiz, é quem conosco batalha.

SEEDUC

1ª série de Ensino Médio

Nome: **Jullia Jamilly Rodrigues Soares**

Professor orientador: **Igor Costa**

C.E. Monteiro de Carvalho / Metropolitana VI



o clima clama

Enlouquece as primaveras
Perturba os verões
os verões coloridos
 agora
Cinzas
 até demais
Poluídos pela Fumaça da Tristeza

talvez um dia voltaremos às cores
ao verde que agora é marrom,
às vezes cinza.
Talvez não voltemos
e caso não, sentirei falta
Daquilo que não veremos.

Nome: **Maria Eduarda Reis de Faria e Souza**

Professora orientadora: **Teresa Cristina Fonseca de Andrade**

C.E. Engenheiro Passos / Sul Fluminense



O mundo é só um corpo

A Terra fala — mas quem escuta?
Seu grito ecoa em ondas, mar e vento,
No estalar das árvores que tombam,
No fogo que avança sem lamento.

Do Ártico ao cerrado, o céu se aquece,
Geleiras choram sob o sol voraz.
A mata cai, e a cinza, então, oferece
Um ar espesso, escuro e sem paz.

A Amazônia arde enquanto o mundo assiste,
Em brasas vão-se os sonhos do “Pulmão”.
O El Niño sopra sua fúria mais que triste,
Trazendo seca, enchente e devastação.

O mar se ergue em frenesi, o chão se parte,
Ciclones dançam fora de estação.
A Terra sangra em fogo, e em sua arte
Desenha a dor na face do tufão.

Geleiras cedem sob o céu febril,
O mar invade o chão sem compaixão.
O clima grita, em ciclo tão sutil,
Mas cegos vamos, rumo à extinção.

Intempéries chegam como um aviso,
Mudando o tempo, os ciclos, a razão.
E os oceanos, cansados de plástico,
Guardam segredos em profana solidão.

Assinamos muitos tratados prometendo
Reduzir a febre deste chão sagrado.
Mas promessas não plantam florestas,
Nem curam o ar envenenado.

Enquanto a economia dita o rumo,
E o consumo veste a falsa glória,
Esquecemos que o mundo é um só corpo,
E a natureza, nossa própria história.

Mas há esperança — se houver coragem,
Se a vida brotar onde o asfalto cede,
Se o sonho for real, não só miragem,
E o gesto for raiz que rompe e cresce.

O medo de mudar. Pois somos parte,
Não senhores da criação ou do destino.
E salvar o planeta é, na verdade,
Salvar a nós — do próprio desatino.

Não há outro mundo além deste azul,
Nem horizonte sem o sol a brilhar.
Somos folhas na mesma raiz, o sul
E o norte unidos a se equilibrar.

Que as cicatrizes do solo e do ar
Se tornem alerta a quem quer refletir:
Pela sustentabilidade nós precisamos lutar,
Pra Terra renascer, viver e florir.

Nome: **Ana Luiza Algaba Zdradek**Professora orientadora: **Aline Verginia dos Santos**

C.E. 229 Candido Portinari / Metropolitana V



Vocês que se chamam humanos

Vocês dizem que pensam.
Que sentem. Que amam.
Mas eu só vejo ruído.
Vocês abriram a Terra com garras de metal
e arrancaram seus ossos,
como ladrões de um templo que nem conheciam.
E ainda assim... rezam.
Para quem?
Com que direito?
Vocês acham que são o topo,
mas são só a parte mais doente.
O apodrecido da fruta.
O erro no código
Caminham eretos,
mas com o coração torto.
Constroem foguetes para fugir,
como se o universo quisesse vocês por perto.

Vocês sabem de tudo, não é?
Sabem fazer fogo,
sabem matar,
sabem mentir.
Mas não sabem ouvir o vento.
Não sabem o que o silêncio da floresta está tentando dizer.
Quando foi que se tornaram surdos?
Vocês chamam a natureza de “recurso”.
Recurso?
Ela é ventre. É carne. É sangue anterior ao nome.
E vocês...
vocês apenas vieram depois.
Como fungo num corpo quente.
Eu pergunto
e quero que me respondam sem poesia,
sem teoria,
sem desculpa:
O que vocês fizeram com o jardim?
Com o azul do céu que herdaram limpo?
Com o mar que confiou em vocês para existir?
Onde estão os animais que vos saudaram ao nascer?
Por que seus filhos cospem fumaça e bebem plástico?
Vocês choram,
mas não param.
Vocês pedem perdão,
mas não voltam atrás.
Vocês querem salvação
sem sacrifício.
E ainda assim
a natureza espera
Por quê?
Ela é melhor do que vocês.
Mais justa.

Mais mãe.
Mais vida.
Porque se fosse por merecimento,
você já teriam sido varridos pela primeira tempestade.
Pelo primeiro soluço de vulcão.
Vocês não são o centro.
São a rachadura.
O erro em uma pintura perfeita.
O grito que não era parte da canção.
E no fim
quando a última árvore cair e o último peixe flutuar morto
e o ar tiver gosto de ferro,
você vão olhar pro céu
e, pela primeira vez,
vão ouvir o silêncio responder:
“Não.”

Nome: **Aryel Cristine de Oliveira**Professora orientadora: **Marcella Cristina de Oliveira Fraga**

Instituto de Educação Sarah Kubitschek / Metropolitana IV



No princípio, era o verde

era o sopro das folhas nos ventos antigos,
o sussurro das raízes sob a pele do mundo,
o cântico das águas, dos bichos, dos amigos
a terra falava em mil vozes calmas,
sem precisar da linguagem dos homens
ela sabia — sem pressa —
que tudo que nasce é também promessa.

Veio o tempo, vieram os passos
o ser humano, com sonhos nos olhos,
pisou suave, colheu com gratidão,
bebeu das fontes como quem reverencia
aprendeu com o lobo, dançou com a lua
construiu sua história em comunhão.

Mas então algo mudou.

Ergueu-se o aço, queimou-se a floresta
o céu foi coberto de fumaça e pressa
o homem, já farto da terra macia,
quis dominar o que antes servia
chamou o concreto de lar,
chamou a ambição de ciência
e esqueceu que a Natureza também sente
esqueceu que o mar tem memória
que os pássaros têm histórias
que o chão, ferido, também sangra.

Agora, o planeta geme em febre.
as geleiras choram seu lento fim
os ventos uivam em desatino
e o silêncio dos bichos é um luto sem fim
a chuva vem como grito, o calor como punição
e cada floresta que cai é um poema rasgado pela mão.

Mas ainda não é tarde.

Há um broto nascendo na ruína
um olhar de criança que pergunta:
“e se cuidássemos melhor?”
se deixássemos os rios correr
as árvores crescer
se devolvêssemos à Terra
o que ela sempre nos deu.

A humanidade precisa lembrar
que não é dona, mas filha
que no fim das contas,
não há cidade sem solo, não há máquina sem ar,
não há futuro sem raiz.

Voltemos os olhos ao que pulsa
desaprendamos o ego,
reaprendamos o afeto
se quisermos durar, teremos que ouvir de novo
o coração silencioso da Terra
e bater junto com ele.

Que nossos passos toquem leve a estrada,
que a ciência abrace a sabedoria antiga
que a mão que constrói também proteja
e que a esperança não seja só abrigo
mas semente lançada no tempo
germinando um novo abrigo.

E que o amanhã nasça do cuidado
e não da pressa em possuir
que sejamos ponte entre o passado
e o possível,
raízes que escolhem florir.

Nome: **Laís Pimentel Siqueira**Professora orientadora: **Simone Mendes**

C.E. Nobu Yamagata / Baixadas Litorâneas



Quando a terra silencia

Você já se perguntou por que a Terra parou de ter piedade?
Ou acha mesmo que ela ia aguentar pra sempre?
Cortamos árvores como se não precisássemos respirar,
Esquecemos que o oxigênio tem raiz e a raiz tem alma a pulsar.

Rios, antes espelhos do céu, hoje refletem lixo,
Plástico boiando como prece sem feitiço.
O céu não chora como antes, mas chora,
E a gente chama de tempestade, mas é a dor que aflora.

Animais correm, mas não por instinto,
Fogem do fogo que chamamos de progresso,
Do veneno que chamamos de dinheiro,
E da ganância que nos torna prisioneiros.

Chamamos de “meu” um planeta que nunca pedimos licença pra ferir,

E andamos sobre ele como se nossos passos não fossem cicatrizes a persistir.

O mar grita, mas a espuma leva a culpa,

Nós, reis de nada, erguemos prédios onde havia floresta, sem desculpa.

Achamos que concreto é progresso, e não perda,

E quando faltar ar, culparemos o vento,

Quando faltar água, diremos que o céu nos virou as costas,

Mas fomos nós que cavamos o nosso tormento.

Mesmo ferido, o chão ficou, mesmo arrasado, não nos largou,

Mas ele se vinga em cada rachadura, em cada dor.

E quando tudo se desfizer, e o verde tomar o que é seu,

Não digam que foi a natureza, fomos nós que começamos o adeus.

Nome: **Julie Aguiar Andersen**Professora orientadora: **Teresa Cristina Fonseca de Andrade**

C.E. Engenheiro Passos/ Sul Fluminense



Choro da Natureza

Quando a imaginação deixou a mente dos homens,
As cinzentas cidades ergueram para o céu fumacento
Altas e sombrias torres provindas de destruição,
Na qual apenas se poderia sonhar com um calor violento
E não mais com floridos prados da primavera e praia de verão.

O conhecimento humano despiu a Terra
Do seu impecável manto de beleza natural,
E o planeta chorava em meio a inconsciente poluição.
E aos poucos acabou o que era essencial,
O cuidado, a compaixão, a intervenção.

As árvores tombaram sob lâminas,
Seus troncos cortados, os ramos secos ao chão,
Os rios, antes espelhos do azul, viraram trilhas turvas,
Sussurrando histórias de peixes mortos e de extinção.
O vento já não trazia o frescor, mas a poeira da devastação.

Chove cinza, e não mais a chuva cristalina,
As florestas, agora vastas clareiras vazias, lamentam,
E os animais que restaram, sombras vazias,
Assistem à lenta queda do que foi um dia
O mundo verde, agora ruína, sem esperança nem guia.

Mas talvez uma fagulha ainda exista na consciência,
Talvez a redenção venha de mãos humanas.
Se o prado renascer, se o rio se limpar,
Será preciso aprender a ouvir a Terra chorar,
E responder com compaixão, antes que seja o final.

Ainda há tempo, dizem as folhas restantes,
Quando o vento as balança, tremendo em fuligem,
Há esperança na brisa, na água que sussurra
Histórias antigas de cura e renovação,
Ecoam o clamor da vida que implora continuação.

Mas os homens caminham surdos por ruas cinzentas,
Seus olhos fechados para a terra nua e fria,
Erguendo muros e fábricas com pressa sem ver o próximo dia,
Enquanto sob seus pés, as raízes clamam silenciosas,
E o céu se torna opaco, escondendo as estrelas ansiosas.

Haverá um despertar, talvez, um momento,
Quando a poluição não afligir o solo,
E o último rio se tornar puro novamente.
Quando os mares se puricarem com a atmosfera.
Então, nesse momento, renascerá a compreensão,
De que nunca se domará a Terra, apenas se pode cuidar.

Nome: **Jenifer Rodrigues dos Santos**Professora orientadora: **Miriã Rezende do Amaral**

C. E. Johenir Henriques Viégas / Noroeste Fluminense



O sussurro que ninguém ouve

Como pode, mãos que antes plantavam
árvores com dedos sujos de esperança,
agora apertarem botões que derretem geleiras em silêncio?
Como podem olhos que antes choravam diante do pôr do sol,
agora piscar indiferentes diante do céu em chamas?

Como pôde o homem esquecer o cheiro da terra molhada
e trocar o som do rio pelo zumbido das máquinas?
Quem ensinou ao coração a calar diante do grito dos ventos,
dos bichos fugindo, das árvores morrendo em pé?

Um “me perdoa” não apaga incêndios.
Um “foi sem querer” não rega florestas.
A Terra não quer desculpas - ela quer fôlego.

Como pode o chão que carregou nossos pés por milênios
agora se partir em fendas secas, como se dissesse: “basta”?
Como pode o mar, que embalava nossos ancestrais,
agora engolir cidades, como se recuperasse tudo que tiramos?

A chuva vem,
mas não canta mais - ela grita.
O sol nasce,
mas não aquece - ele castiga.

Mas ouça,
a Terra ainda sussurra em meio ao caos.
Ela ainda espera,
como uma mãe que ama demais para desistir,
mesmo sem saber se vale a pena.

Que a última folha não caia sem testemunha,
que o último rio não siga sem luto.
Que a próxima estação não seja extinção,
mas retorno.
E que, entre os escombros do que fomos,
nasça ao menos um gesto - que prove que sentimos,
mesmo que tarde.

Pois ainda há raízes adormecidas
sob o concreto das cidades.
Ainda há sementes esperando.
Um pouco menos de pressa.
Um pouco mais de céu.

Mas o tempo anda curvo,
os dias se esfarelam em alertas,
e o ar pesa como se carregasse
as palavras não ditas.
A natureza não nos cobra perfeição - só presença.
Mas respondemos com ausência.

Há promessas nas conferências,
e silêncios nos campos queimados.
Há progresso nos números,
e morte nos detalhes.

E enquanto o planeta arde em febre,
deitamos em camas geladas de negação,
esperando que alguém, em algum lugar,
faça por nós o que já devia ser gesto nosso.

Nome: **Daniel Hoelse**Professora orientadora: **Suely de Fátima Lima Leal**

C. E. Júlio Salusse / Serrana II



Ecoss da harmonia Perdida

No centro da floresta, um sussurro ecoa.
As árvores dançam, em balé de folhas,
O sol, um pintor, com suas belas cores,
Desenha o amanhecer em suaves matizes.

O rio, serpente de cristal, murmura
Segredos antigos em sua correnteza.
E a brisa, como uma amante, acaricia
Os rostos marcados por nossa tristeza,

Como é triste ver o verde chorando,
As montanhas gritando, pedindo para serem amadas.
E o mar, em sua fúria, implorando por paz,
Enquanto a terra ferida se desfaz.

Que possamos ouvir o chamado da Terra.
Unir nossas vozes em uma só guerra
Por um futuro onde a paz e harmonia floresçam,
E a natureza e a humanidade, unidas, se enriqueçam.

SEEDUC

3ª série de Ensino Médio

Nome: **Maria Eduarda Pereira de Souza**Professora orientadora: **Renata Moreira**

C. E. Sargento Wolf / Metropolitana VII



O elo e a árvore

Eu era menino,
corria no parque,
com os pés descalços na grama,
o vento no rosto —
sutil como um abraço.

Minha avó ao lado,
ouvia os pássaros
como quem escuta poesia.
Ensinava-me o silêncio das folhas,
o valor de sentir-se parte.

Anos depois,
voltei — já homem,
os sapatos nas mãos,
buscando a mesma conexão.

Mas o vento gritava,
os pássaros choravam,
e o verde cedeu lugar
ao cinza que toma tudo.

Exceto por ela —
a árvore que plantamos.
Crescida, viva, resistente.
Uma memória que respira.

Hoje sou velho.
Vejo no espelho
o olhar calmo de minha avó.

Levo meu neto ao mesmo parque,
que já não é o mesmo.
Fumaça, prédios, concreto,
um céu sem cor.

O vento me sufoca,
os pássaros pedem socorro.
Mas ela ainda está lá —
a árvore.

Choro.
Meu neto me olha,
e eu conto a história por trás
das minhas lágrimas.

Ele me abraça,
tira os sapatos,
toca a grama,
planta comigo uma nova muda.

E então,
sinto-me criança outra vez.

A brisa me envolve,
como se fosse ela —
minha avó —
me abraçando.

O pássaro canta.
Dessa vez, suavemente.

O ciclo continua.
Meu dever está cumprido.

Hackathon

Além das propostas de capas apresentadas ao longo do capítulos, o concurso interno promovido pelo curso de Design Gráfico do SENAI do Rio de Janeiro para o Prêmio Rio de Letras 2025 também gerou outras obras. Confira:

Imagem de
autoria de Millena
Clementino
Guimarães, Marina
Massunaga De
França e Maria
Eduarda Da Silva
Pinheiro.



**Refletir sobre o mundo
e manter a literatura
viva.**

Ailton Krenak
@_aliltonkrenak

Uma das maiores e mais necessárias vozes do Brasil. Líder indígena, ambientalista e pensador brilhante, Krenak emerge da tradição de seu povo para oferecer uma crítica poderosa ao que chama de **"sono da civilização"**. Sua vida e sua obra são um convite urgente para reconectarmos com a Terra e imaginarmos um novo futuro.

"A terra não é um recurso, é um ser vivo, e nós somos seus filhos. Se a terra morre, nós morremos." - **Ailton Krenak**

@abletras_oficial

Rio de Janeiro Fijon SENAI





PRÊMIO RIO DE LETRAS

TEXTOS PREMIADOS

Contos, Crônicas e Poesias de autoria dos
Alunos das Escolas Firjan SESI e da
Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro

Lorem ipsum dolor sit
amet, consectetur
adipiscing elit, sed diam
nuncupmy nibh euismod
fincidunt ut laoreet
dolore magna aliquam
erat volutpat. Ut wisi
enim ad minim veniam,
quis nostrud exerci tation
ullamcorper suscipit
lobortis nisi ut aliquip ex
ea commodo
consequat. Duis autem
vel eum iriure dolor in
hendrerit in vulputate
velit esse molestie
consequat, vel illum
dolore eu feugiat nulla
facilisis at vero eros et
accumsan et iusto odio
dignissim qui blandit



Uma das maiores e mais necessárias vozes do Brasil. Líder indígena, ambientalista e pensador brilhante, Krenak emerge da tradição de seu povo para oferecer uma crítica poderosa ao que chama de "sono da civilização". Sua vida e sua obra são um convite urgente para reconectarmos com a Terra e imaginarmos um novo futuro.

Imagem de autoria
de Maria Eduarda
Sobrinho, Kauã
Gabriel Mendonça
Da Silva, Camila
Victória e Asafe
Araújo Coutinho De
Sousa.

@altonkrenak
@abletras_oficial



prêmio

rio de **LETRAS**

TEXTOS PREMIADOS

Contos, Crônicas e Poesias de autoria dos Alunos das Escolas Firjan SESI e da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. uis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum dolore eu feugiat nulla facilisis at vero eros et accumsan et justo odio dignissim qui blandit praesent luptatum zzril delenit augue duis dolore te feugait nulla facilisi.

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea



Uma das maiores e mais necessárias vozes do Brasil. Líder indígena, ambientalista e pensador brilhante, Krenak emerge da tradição de seu povo para oferecer uma crítica poderosa ao que chama de "sono da civilização". Sua vida e sua obra são um convite urgente para reconectarmos com a Terra e imaginarmos um novo futuro.



@altonkrenak
@obletas_oficial

Imagem de autoria
de **Isabel Fernandes
Da Silva, Isabelle
Alves Barros Pavani
e Ariane Dos Santos
Alcantara.**



Lorem ipsum dolor sit amet, sit himno poia oiu o consectetuer guhvrxyz adipiscing elit, sed napi diam nonummy dñibh euismod tincidunt tuit tut aio ulaoreet aed y rdtb we yhgð dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation uoitgd ge ullamcorpert ybfv f gb fsc hangyn hagfd hb vfsuscipit lobortis nisl ut aliquip ex oih dpo ea commmodo consequat. Dui kiojlo autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie



REALIZAÇÃO



CURADORIA



PARCERIA INSTITUCIONAL



PRÊMIO rio de letras

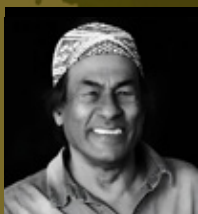
Textos Premiados:

Contos, Crônicas e Poesias
de autoria dos Alunos das
Escolas Firjan SESI e da
Rede Estadual de Ensino
do Rio de Janeiro.



Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum dolore eu feugiat nulla facilisis at vero eros et accumsan et iusto odio dignissim qui blandit praesent luptatum zzril delenit augue duis dolore te feugiat nulla facilisis. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat.

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed diam nonummy nibh euismod tincidunt ut laoreet dolore magna aliquam erat volutpat. Ut wisi enim ad minim veniam, quis nostrud exerci tation ullamcorper suscipit lobortis nisl ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis autem vel eum iriure dolor in hendrerit in vulputate velit esse molestie consequat, vel illum dolore eu feugiat nulla facilisis at vero eros et accumsan et iusto odio dignissim qui blandit praesent luptatum zzril



Uma das maiores e mais necessárias vozes do Brasil. Líder indígena, ambientalista e pensador brilhante, **Krenak** emerge da tradição de seu povo para oferecer uma crítica poderosa ao que chama de "sono da civilização". Sua vida e sua obra são um convite urgente para reconectarmos com a Terra e imaginarmos um novo futuro.

Imagem de autoria
de Maria Eduarda
Marques Dos Santos,
Maria Clara De
Souza Pastana Motta
e Sofia De Paula
Capile De Souza.



@krenakailtonn



_ailtonkrenak



REALIZAÇÃO

Firjan **SESI**

CURADORIA



PARCERIA INSTITUCIONAL





Prêmio Rio de Letras Firjan SESI

Textos Premiados

Contos, Crônicas e Poesias de autoria dos
Alunos das Escolas Firjan SESI e da Rede
Estadual de Ensino do Rio de Janeiro.

Lorem ipsum dolor sit
amet, consectetur adi-
piscing elit, sed do eius-
mod tempor incididunt
ut labore et dolore mag-
na aliqua. Ut enim ad
minim veniam, quis nos-
trud exercitation ullamco
laboris nisi ut aliquip ex
ea commodo consequat.
Duis aute irure dolor in
reprehenderit in volupta-
te velit esse cillum dolore
eu fugiat nulla pariatur.
Excepteur sint occaecat
cupidatat non proident,
sunt in culpa qui officia
deserunt mollit anim id
est laborum.



Uma das maiores e mais necessárias vozes do Brasil. Líder indígena, ambientalista e pensador brilhante, Krenak emerge da tradição de seu povo para oferecer uma crítica poderosa ao que chama de "sono da civilização". Sua vida e sua obra são um convite urgente para reconectarmos com a Terra e imaginarmos um novo futuro.

Imagem de autoria de Lislayne Felismino Rodrigues Da Silva, Emylly Nobre Aleixo e Letícia Grismino Sousa Dos Santos.





Uma das maiores e mais necessárias vozes do Brasil. Líder indígena, ambientalista e pensador brilhante, Krenak emerge da tradição de seu povo para oferecer uma crítica poderosa ao que chama de "sono da civilização". Sua vida e sua obra são um convite urgente para reconectarmos com a Terra e imaginarmos um novo futuro.

Este livro foi escrito com fonte Century
Schoolbook, tamanho 10. Papel: Pólen Soft 90g/m²

Autores da capa: Maria Clara Ribeiro de Carvalho,
Beatriz Barbosa Cruz, Heloísa Ferreira de Amorim
Da Silva, Lucas Gustavo Ribeiro Ferreira de Souza